



O ESTRANHO DEVER DO CEPTICISMO

*Vinte anos de comentários
de imprensa*

Mário Mesquita

Prefácio de Lídia Jorge
Ilustrações de José Brandão

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
M M X I I I

Ao José Medeiros Ferreira — que na minha juventude me aconselhou a ler o Padre Manuel Bernardes, mestre da prosa harmoniosa —, em homenagem à sua coragem política e intelectual, entre outros méritos que não cabem no espaço desta dedicatória.

© 2013, Mário Mesquita
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *O Estranho Dever do Cepticismo.*
Vinte Anos de Comentários de Imprensa
Autor: Mário Mesquita
Prefácio: Lídia Jorge
Ilustrações: José Brandão
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Março de 2013

ISBN 978-989-671-148-1
Depósito Legal n.º 355433/13

«A necessidade de cepticismo é muito grande em face da incerteza de todos os cálculos políticos.»

BERTRAND RUSSELL¹

«O facto de ser relativista não exclui a crença na própria verdade, ainda que o relativista deixe de impô-la por respeito à verdade alheia.»

NORBERTO BOBBIO²

Índice

Este livro branco	19
<i>por Lídia Jorge</i>	
Instruções para uso	25
<i>Agradecimentos</i>	32
PESSOAS	
Hans Robert Jauss:	
o Jovem Capitão e o Velho Professor	39
<i>Diário de Notícias, 09-09-1994</i>	
Charles de Gaulle: a Dimensão Quixotesca	42
<i>Público, 07-01-2000</i>	
George Steiner: a Cultura na Primeira Página	43
<i>Público, 13-05-2001</i>	
Katharine Graham, a Senhora Imprensa	46
<i>Público, 22-07-2001</i>	
George Orwell: Quase-santo, Quase-espião	50
<i>Público, 29-06-2003</i>	
Norberto Bobbio, «o Grande Clarificador»	53
<i>Público, 11-01-2004</i>	
Celso Furtado: o Economista contra o Economicismo	56
<i>Público, 28-11-2004</i>	
Gilles Martinet: os Sonhos Abandonados	60
<i>Público, 16-01-2005</i>	
A Singularidade de Sartre	64
<i>Público, 03-04-2005</i>	
Paul Ricœur: a «Página Branca» de Marx	67
<i>Público, 29-05-2005</i>	
Olivier Todd, o Agente Duplo Franco-Inglês	71
<i>Público, 11-12-2005</i>	
A Terça Parte de Mitterrand	74
<i>Público, 31-12-2005</i>	
Sigmund Freud, o Nosso Bisavô de Viena	77
<i>Público, 30-04-2006</i>	

¹ *Essais Sceptiques* (trad. francesa), Les Belles Lettres, 2011.

² *O Tempo da Memória — De Senectute e outros escritos autobiográficos*, Campus, 1997.

Günter Grass: a Estátua e a Pessoa <i>Público</i> , 24-09-2006	80	Natália ou a Anti-Reportagem <i>Público</i> , 14-07-2002	139
O Livro Que já Existia antes de Ser Publicado <i>Goethe Institut</i> , 16-10-2007	84	Francisco Salgado Zenha, ou o Cepticismo Combativo <i>Liber Amicorum</i> , Coimbra Editora, 2003	142
Gérard Genette: a Identificação do Medialecto <i>Público</i> , 24-12-2006	87	Fernando Balsinha: Elogio do <i>Low Profile</i> <i>Público</i> , 09-03-2003	152
As Orquídeas de Richard Rorty <i>Paralelo</i> , Inverno, 2007	89	Vítor Direito: Boas Notícias «de Vez em Quando» <i>Público</i> , 23-11-2003	154
João Bosco, Nome de Santo <i>Público</i> , 23-09-1992	92	Sacuntala: o Nome e o Mistério <i>Público</i> , 13-12-2003	159
Mário Soares: o Adeus do Presidente <i>Diário de Notícias</i> , 08-03-1996	99	Emanuel Félix: o Adeus ao Poeta do Rigor <i>Público</i> , 22-02-2004	163
A Nostalgia do Escritor <i>Público</i> , 20-06-2003	102	Santo António Champalimaud <i>Público</i> , 15-05-2004	166
A Obra Jornalística de Eduardo Lourenço <i>Diário de Notícias</i> , 19-04-1996	105	Em Salamanca, com José Rabaça <i>Público</i> , 02-06-2004	169
David Mourão-Ferreira: a Imitação da Felicidade <i>Diário de Notícias</i> , 21-06-1996	107	António de Sousa Franco: a Dramatização em Eleições sem Drama <i>Público</i> , 10-06-2004	176
Jorge Sampaio: na Outra Margem do Rio <i>Jornal de Campanha</i> , 10-1996	110	Álvaro Cunhal: Apologia do Herói Imperfeito <i>Público</i> , 19-06-2005	179
Manuel Tito de Morais, o Último Militante <i>Diário de Notícias</i> , 06-12-1996	112	José Luís Nunes: o Homem Que já Era Deputado antes de Haver Parlamento <i>Público</i> , 25-09-2005	183
Ernesto Melo Antunes, o Anti-Herói da Revolução <i>Público</i> , 09-05-1999	115	Ramalho Eanes: Críticas e Louvores ao Ritual de Navarra <i>Público</i> , 19-11-2006	186
Victor Cunha Rego, Um Pessimista Activo <i>Público</i> , 31-10-1999	116	Manuel Areias ou o Teatro da Alegria <i>Visão</i> , 24-05-2007	189
Marcelo Rebelo de Sousa: Eu, Fundador, Me Confesso... <i>Publico</i> , 14-10-2000	120	José do Canto: a Felicidade Não é Deste Mundo <i>Jornal de Notícias</i> , 12-12-2010	191
A Invenção da Social-Democracia <i>Publico</i> , 21-10-2000	125		
Jorge Listopad: Jubileu de Novembro <i>Público</i> , 16-12-2001	130	MEMÓRIA	
Álvaro Guerra: o Fogo e o Gelo <i>Público</i> , 21-04-2002	133	O Círculo de Giz Colonial <i>Diário de Notícias</i> , 12-11-1993	199
A Última Festa <i>Público</i> , 30-06-2002	136	O Discurso do Bom Sucesso <i>Diário Notícias</i> , 21-01-1994	202

O 25 de Abril Plastificado <i>Diário de Notícias, 07-04-1995</i>	205
A Pré-Constituinte do Largo do Rato <i>Diário de Notícias, 09-06-1995</i>	207
Tenham Paciência... <i>Público, 23-04-1999</i>	210
A Tese dos «Dois Aldo Moro» <i>Público, 05-09-1999</i>	214
John F. Kennedy: a História Popular <i>Público, 05-09-1999</i>	216
Viva Maria! <i>Público, 23-04-2000</i>	217
O Teatro Ético <i>Público, 31-12-2000</i>	220
Drama Estival nas Escolas <i>Público, 12-08-2001</i>	223
A Teimosia do Ilustre Ancião <i>Público, 28-04-2002</i>	226
A Minha Versão dos Factos <i>Público, 27-04-2003</i>	229
Três Dimensões do 25 de Abril <i>Público, 25-04-2004</i>	232
Crónica de Inverno em Agosto <i>Público, 12-09-2004</i>	236
Getúlio Vargas, ou o Suicídio como Arma Política <i>Público, 13-09-2004</i>	239
O Luto por Auschwitz <i>Público, 30-01-2005</i>	241
A Memória Dividida da Capitulação Nazi <i>Público, 08-05-2005</i>	244
A Pantufa de Proust <i>Público, 09-10-2005</i>	247
De Luanda a Vale dos Lobos <i>Público, 28-05-2006</i>	250
Doze Anos de Via-Sacra contra o Erro Judiciário <i>Público, 25-06-2006</i>	251
A Arte de Comparar Ditadores <i>Público, 17-12-2006</i>	254

A Possibilidade de Uma Missa <i>Público, 07-01-2007</i>	257
Em Defesa do «Livre-Arbitrio» <i>Público, 21-01-2007</i>	260
Uma (In)certa Nostalgia <i>Jornal de Notícias, 27-02-2010</i>	262
Contas de Abril <i>Jornal de Notícias, 24-04-2010</i>	264
A República Semilaica <i>Jornal de Notícias, 9-10-2010</i>	266
Os Muros Que Restam <i>Paralelo, Inverno/Primavera, 2010</i>	267
ACONTECIMENTOS	
O Juiz Salazarista Promovido pela Democracia <i>Diário de Notícias, 13-07-1994</i>	275
Os Coleccionadores de Cabeças <i>Diário de Notícias, 19-07-1996</i>	277
Tréguas de Natal <i>Público, 27-12-1998</i>	280
A Cotação dos Milagres <i>Público, 21-05-2000</i>	282
Crentes e Não-Crentes <i>Público, 23-09-2000</i>	286
Dom Egas e os Seus Descendentes <i>Público, 14-04-2001</i>	289
O Rosto Cibernético de Jesus <i>Público, 29-04-2001</i>	292
História e Mentira <i>Público, 22-06-2001</i>	295
Wagner em Jerusalém <i>Público, 15-07-2001</i>	298
O «Ballet» Cinzento da Democracia <i>Público, 08-06-2003</i>	302
A Desenvoltura da Direita Pós-Moderna <i>Público, 16-08-2003</i>	305
O Álbum da Totoculpa <i>Público, 24-10-2004</i>	307

À Margem do Folhetim Judicial <i>Público, 24-10-2004</i>	310	Roteiros da Inveja Lusitana <i>Público, 03-07-2005</i>	362
O Drama Terminal do Peregrino <i>Público, 10-04-2005</i>	314	As Últimas Presidenciais do Século XX <i>Público, 31-07-2005</i>	365
O Discurso Que já Existe antes de Ser Proferido <i>Público, 16-04-2006</i>	318	Os «Serviços Mínimos» do Candidato Relutante <i>Público, 04-12-2005</i>	368
As Religiões da Nossa Perplexidade <i>Público, 15-10-2006</i>	320	Grândola Vila Amarela <i>Público, 08-01-2006</i>	370
A Terceira Margem do Rio <i>Paralelo, n.º 2, Março, 2008</i>	323	A Tripla Vitória da Direita <i>Público, 04-02-2006</i>	373
CONJUNTURAS		Regentes e Líderes em Tempo de Ideologia Zero <i>Público, 19-03-2006</i>	377
A Unipolaridade Laranja <i>Público, 18-10-1991</i>	331	A Esquizofrenia da Austeridade <i>Jornal de Notícias, 26-06-2010</i>	379
O Estrutural-Soarismo <i>Diário de Notícias, 13-05-1994</i>	333	INSTITUIÇÕES	
O Surfing Mediático de António Guterres <i>Diário de Notícias, 27-10-1995</i>	335	A Sétima Coabitação <i>Público, 11-10-1991</i>	387
Um Herói da Guerra Fria <i>Diário de Notícias, 19-12-1995</i>	339	Da Espionagem Lusitana na Era Pós-Moderna <i>Diário de Notícias, 09-07-1995</i>	390
A Esquerda: Que Maçada! <i>Público, 17-10-1999</i>	342	A Primeira Experiência Referendária <i>Diário de Notícias, 02-05-1996</i>	393
Os Poderes Feudais <i>Público, 28-05-2000</i>	343	O Óbito do Parlamento <i>Público, 20-01-2000</i>	395
A Minha Geração <i>Público, 17-12-2000</i>	345	Uma Mulher na Provedoria <i>Público, 02-06-2000</i>	398
Os Meninos do Coro <i>Público, 23-12-2001</i>	346	Corporativismo de Segunda <i>Público, 04-03-2001</i>	401
O Anjo Europeu <i>Público, 26-06-2004</i>	349	Guterres e os Referendos <i>Público, 17-06-2001</i>	405
Tenha Paciência, Sócrates, Diga-nos Qualquer Coisa de Esquerda! <i>Público, 06-02-2005</i>	353	O Mistério da Elite <i>Público, 09-06-2002</i>	406
Enquanto Há Silêncio <i>Público, 27-02-2005</i>	357	A Imaginária Constituição Comunista <i>Público, 30-11-2003</i>	409
Volta, Guterres, Estás (quase) Perdoado! <i>Público, 26-06-2005</i>	359	Primeiro-Ministro: Lugar de Passagem <i>Público, 18-07-2004</i>	413
		A Mal-Amada Constituição de 1976 <i>Público, 25-04-2005</i>	416

O Sonho do Presidente Musculado	420	TIMOR-LESTE: A CATARSE PORTUGUESA	
<i>Público</i> , 30-10-2005		A Segunda Descolonização de Timor	471
A Direita Ventríloqua	423	<i>Diário de Notícias</i> , 20-12-1996	
<i>Público</i> , 27-11-2005		A Última Causa	473
A Vida, os Embriões e os Seres Humanos	426	<i>Público</i> , 07-09-1999	
<i>Público</i> , 04-02-2007		O Brio Oposicionista	477
CRISES		<i>Público</i> , 19-09-1999	
II DE SETEMBRO DE 2001: O INÍCIO DO SÉCULO XXI		O Laboratório de Timor	479
Longe da Retórica de Guerra	433	<i>Público</i> , 20-08-2000	
<i>Público</i> , 04-02-2007		O Fantasma de Lord Salisbury	482
Kill the bastards!	436	<i>Público</i> , 11-06-2006	
<i>Público</i> , 23-09-2001		ITÁLIA: A REPÚBLICA DE BERLUSCONI	
O Direito à Dissidência	439	O Privilégio do Nome Completo	485
<i>Público</i> , 06-10-2001		<i>Diário de Notícias</i> , 31-03-1994	
Bin Laden: Morto ou Vivo?	442	Berlusconi e os Seus Amigos	488
<i>Público</i> , 28-10-2001		<i>Diário de Notícias</i> , 16-06-1995	
Queridos Aliados	446	O Carro do Vencedor Antecipado	491
<i>Público</i> , 04-11-2001		<i>Público</i> , 24-02-2002	
A (Improvável) Geração do Don't Ask	449	Roma Vista de Bruxelas	492
<i>Público</i> , 06-01-2002		<i>Público</i> , 11-05-2003	
Ossama Bin Hussein	452	Colagem Romana	495
<i>Público</i> , 01-02-2003		<i>Público</i> , 05-10-2003	
IRAQUE: A INVASÃO E OS SEUS FUNDAMENTOS		Berlinguer <i>versus</i> Craxi. Memórias Cruzadas	499
Os Grandes Cemitérios da Normandia	455	<i>Público</i> , 12-10-2003	
<i>Público</i> , 23-02-2003		Comunistas Portugueses ao Espelho Italiano	503
O «Não» do <i>New York Times</i>	458	<i>Público</i> , 12-10-2003	
<i>Público</i> , 16-03-2003		Novo Sistema, Velhos Hábitos	508
Sempre ao Lado de Golias	461	<i>Público</i> , 19-10-2003	
<i>Público</i> , 06-04-2003		O Rosto do Duce na Propaganda Política	511
Bagdad-Texas	464	<i>Público</i> , 02-11-2003	
<i>Público</i> , 04-05-2003		Índice onomástico	517
Quadros de Horror	467	Outras obras de Mário Mesquita	527
<i>Público</i> , 09-05-2004			

PREFÁCIO
Este livro branco
por Lídia Jorge

É muito curioso que Mário Mesquita ofereça tão denodadamente o peito às balas ao assumir-se como um céptico e ao rotular esta sua recolha de comentários, escritos ao longo de vinte anos, com a áspera bandeira do cepticismo. Inteligente e lúcido como é, o autor de *O Quarto Equívoco* sabe bem quanto, ao anunciar este seu quinto livro com semelhante frontispício, selecciona à partida o universo dos seus leitores, avisando todos aqueles que estimam os habituais livros de crónicas, de que este não é o seu mundo.

De forma bem demarcada, este volume dirige-se aos que ainda não se deixaram seduzir pela leitura da mancha impressa servida às tiras e aos ziguezagues, nem pela comunicação oferecida aos pedacinhos. Em sentido contrário, *O Estranho Dever do Cepticismo* provém das páginas de jornais de grande circulação, mas reclama para o seu círculo um leitor inclinado à elucidação baseada na descrição dos contextos, um leitor habituado ao confronto das opiniões com argumento e cultivado na paixão pelas ideias. À partida, Mário Mesquita afasta-se deliberadamente daquilo que passou a ser a prática comum da cedência calculada na arte da sedução em papel. Contra a corrente, a sua regra consiste em não aligeirar o invólucro quando o conteúdo combate a singleza e a futilidade.

Mas este princípio de coerência é apenas a superfície de um território profundo. Porque o céptico, ao contrário do que é voz corrente, não é o que não crê em nada, é antes aquele que pergunta e encontra através da interrogação, a fórmula privilegiada de narrar o seu espaço de intersecção com a dúvida. O céptico dos cafés desfaz de tudo, incluindo da possibilidade de conhecimento, enquanto o céptico filosófico constrói um mundo e o seu processo de demonstração por tentativas costuma ser ao mesmo tempo exigente, subtil e delicado. Ora um dos principais objectivos que une estes cento e quarenta e oito comentários jornalísticos

consiste em tentar mostrar a complexidade de que se reveste a realidade e a forma como, para além da primeira aparência, novas evidências surgem em torno dos acontecimentos públicos, dos factos históricos e dos seus intérpretes, desde que aos dados primitivos se juntem outros dados.

Li pela segunda vez estes textos de Mário Mesquita, muitos deles pela terceira, já que fui tendo acesso a algumas das publicações originais, e agora, ainda mais do que então, fico com a ideia de que o seu comentário se faz pela anatomia lenta daquilo que à primeira vista se oferece com simplicidade, com a intenção de advertir o destinatário para que convoque toda a sua inteligência e o seu discernimento, de modo a encarar por si mesmo a outra face dos factos. Daí que muitos destes comentários seleccionados pelo autor, e agora republicados, acabem por se desprender da matriz da crónica política onde têm a sua raiz, para se transformarem em ensaios, quer pela ramificação da estrutura quer pela densidade do argumentário. São textos que transcendem a problematização passageira e casuística do facto social e político, escritos que conduzem a um ensinamento de conduta crítica e de cidadania, e por essa razão, ainda que não pela via mais comum, apontam para uma ética e uma moral cívica.

Aliás, o método de semear sinais na prosa, mais do que de colhê-los, torna-se bastante evidente na forma muito própria como Mário Mesquita traça os perfis das suas figuras nacionais e internacionais, de maior ou menor relevo. Partindo de um pretexto próximo, procura em torno de cada uma delas juntar ao lado visivelmente histórico segundos e terceiros planos, de maneira a provocar uma outra forma de encarar a hagiografia social. Através da justaposição de planos diversos, quando não opostos, o autor procura mostrar que a santidade cívica não é feita de uma só peça, que o material humano está limitado pela sua própria contradição. Por essa razão, resulta bem que o acaso cronológico, ou a simples determinação do autor, tenha conduzido a que a primeira parte, dedicada às «Pessoas», onde se alinham quarenta e cinco perfis de personalidades celebrizadas que se adentram e depois multiplicam pelos outros capítulos da recolha, abra com o perfil de Hans Robert Jauss, o célebre professor da estética da recepção, que em jovem fora oficial do exército às ordens de Hitler.

De certa forma resulta sintomático que na abertura dessa série de perfis, e dando o tom, ao fim e ao cabo, ao volume inteiro, a primeira personagem dê azo a que se reproduza a ideia de que um dia pode ser necessário termos todos de escrever *as nossas memórias contra as nossas*

recordações. Um bom primeiro exemplo que nos introduz no campo da nota biográfica, sua parte clara e sua parte esquiua, ou mesmo de todo inapreensível. E o formato repete-se nos textos sobre De Gaulle, Freud, Orwell, Mitterrand, Steiner, Günter Grass ou João Bosco Mota Amaral, Ramalho Eanes e Jorge Sampaio, para não falar de Mário Soares, uma das figuras que o autor mais convoca, e com quem sob os nossos olhos dialoga, por vezes disputa e por vezes incita, num arco de tempo muito mais amplo do que estes vinte anos, formulando juízos, sem no entanto proceder a julgamentos definitivos. Não os faz nem sobre Soares, nem sobre Cavaco, nem sobre ninguém. Bem ao contrário do que é comum no lastro da crónica portuguesa vulgar, ao longo destes comentários, em matéria de julgamento, os mortos e os vivos mantêm os seus destinos em aberto.

Diria mesmo que através da multidão de todas estas figuras convocadas por Mário Mesquita para o interior deste livro perpassa a concepção de que cada homem e cada mulher é feito de vários homens e várias mulheres, salvos ou afundados segundo o efeito do seu préstimo histórico e da sua decência cívica. O que significa que neste livro, mais uma vez, a concepção benevolente do céptico, mais irónica do que opiniosa, mais lúcida na interrogação do que conclusiva na resposta, faz o seu caminho. A sensação que se tem, ao lermos estes comentários reunidos, é que nenhum deles foi escrito outrora, todos são actuais e deles fazemos parte porque os seus juízos não são fechados nem definitivos, e o seu brado nunca é o de quem triunfa sobre os outros em certeza e sabedoria. Aliás, eu não sei onde Mário Mesquita filia o tom da sua voz autoral. Mas diria que não anda longe daqueles que, como lembra Ortega y Gasset, para se fazerem ouvir, nunca precisaram de falar para a Mesopotâmia nem se dirigiram à Humanidade. Textos como «O Colecionador de Cabeças», «O Rosto Cibernético de Jesus», «História e Mentira» ou «O Álbum do Totoloto», repletos de humor e fantasia, fazem encostar o autor ao plano ficcional e a voz que deles se desprende assume inegável recorte literário.

Outra razão para a sensação de proximidade com os textos que constituem *O Estranho Dever do Cepticismo* provém sem dúvida da própria contemporaneidade dos factos a que alude, da sua relevância como elementos de referência global, acontecimentos que entretanto assumiram o carácter de factos patrimoniais, mas que, pela curta distância

a que se colocam no tempo, ainda nos acenam como não resolvidos. Na verdade, entre 1990 e 2010, as sociedades contemporâneas descreveram um arco surpreendente cujos efeitos, uns benéficos outros funestos, continuamos a digerir e ainda fazem o nosso presente. Mário Mesquita examina-os com uma paixão escondida, uma tenacidade própria dos lutadores intelectuais que cedo se impuseram a si mesmos raramente dizer *eu*, a não ser em termos de testemunha ou sujeito de pensamento.

Filhos do mesmo tempo, ao lermos estes comentários jornalísticos, refinados comentários, podemos ir de novo ao encontro das imagens da queda do Muro de Berlim, reviver o optimismo dos anos noventa a empurrar as velas enfunadas da Europa de então, reconstituir o arco de triunfo erguido ao modelo da economia de mercado, observar como os Cinco Continentes se transformaram numa pangeia do capitalismo sustentado pela globalização, podemos recordar como o sistema bancário nos proporcionou viver no futuro, ou ainda examinar como no meio de uma espécie de esperança total na virtude do ideal democrático, se popularizou a ideia do fim da história. E para contrariar mais do que para surpreender, podemos rever como o fenómeno mediático se cruzou com o político e o empobreceu, de tal forma que em certos momentos países houve que se transformaram em manicómios, como dá conta a extraordinária sequência dos dez comentários sobre a Itália, com que se encerra o capítulo «Crises». Também podemos visitar a forma como se reacendeu o fundamentalismo islâmico, a ameaça que começou a pairar sobre tudo e sobre todos em qualquer lugar, com seu epicentro no 11 de Setembro de 2001 e a consequente e absurda segunda guerra do Iraque. Revisitamos esses e muitos outros momentos que influenciam o dia-a-dia de hoje, mas nunca de forma comum, nunca com uma perspectiva descomprometida, nunca convencional. Ler os comentários de Mário Mesquita sobre estes aspectos, dispersos em «Conjunturas», «Instituições», e «Crises», equivale a viajar para o interior da carvoeira da História quando o fumo ainda não se apagou. Manuseando o seu método, o método exigente do céptico, de desfecho inconcluso e aberto, o autor chama-nos a participar retrospectivamente na reinterpretção dos factos, amparados pela distância relativa do tempo. O que quer dizer que Mário Mesquita nos convoca a participar de um pensamento que se está a proces-

sar, um pensamento que em última instância impele a uma acção no presente.

Principalmente porque a parte de leão, no conjunto destas reflexões, diz respeito a Portugal. O significado da sua Revolução, a qualidade da sua democracia, os jogos florais curiosos em torno da datação da era democrática, os incómodos sucessivos em torno da Constituição Portuguesa, a relação fungível com os países saídos das ex-colónias, o caso do nosso papel no Mundo, a debilidade das instituições e suas figuras negras proeminentes, o enredo das elites, que é coisa de mistério, a previsão dos nossos fracassos, a submissão da comunicação social aos interesses, a menoridade da vida mental, são temas recorrentes que atravessam este livro do primeiro ao último capítulo, a propósito de quase tudo, sempre que surge escrita a palavra Portugal. E mais não digo. Que os jovens universitários portugueses leiam estes comentários-ensaio e alguém os ajude a circular entre os meandros por vezes cifrados que constam destas páginas, se quiserem avaliar o valor da subtracção entre o país que somos e o país que poderíamos ser.

De modo que não tem razão Mário Mesquita quando se espanta de que não foi capaz de prever o momento dramático que coincide com a publicação deste livro. Publicados dia a dia, textos desta natureza esvaem parte da sua força persuasiva na fugacidade do quotidiano preenchido de mil sinais. Mas agora, uma vez reunidos, é possível ver como através de dezenas destes comentários se constata que o diagnóstico se encontrava feito. Vê-se através destas páginas de argumento largo, lento, irónico, e até de onde em onde mordaz, que Mário Mesquita foi capaz de radiografar a civilização em que vivemos, e o momento político que nos condiciona. Lendo ou relendo estas páginas, percebe-se que Mário Mesquita viu o fantasma vir a caminho, vislumbrou-lhe as roupas e pressentiu-lhe as passadas. Mas não sabia, não podia saber, que à nossa debilidade hereditária iria juntar-se a mudança profunda que está a alterar a relação entre os países, e o modo como os outros nos encaram.

Publicados agora, estes comentários são um livro branco sobre o nosso estado de alma. Lido como deve ser, ele não só ajuda a redigir a nossa memória colectiva próxima como constitui um desafio para a criação de um novo documento cívico de que estamos carenciados. Ou por outras palavras, *O Estranho Dever do Cepticismo* não contém uma

visão metafísica nem teleológica da história. Não precisa. O seu território de crença é bem outro. A nós, leitores, basta-nos compreender que um estranho desejo de que se erga uma nova fraternidade atravessa as suas páginas, e esse é um estímulo poderoso para intelectualmente não nos sentirmos sós.

Instruções para uso

No Verão de 2008, Lúcia Jorge ofereceu-me um exemplar do seu livro *Combateremos a Sombra*¹, com esta dedicatória: «Para o Mário Mesquita, de quem faltam notícias». Aludia, presumo, à ausência dos meus comentários regulares na imprensa, por motivos que não são para aqui chamados, ou melhor, que não me apetece recordar agora. A leitura do romance, o teor da dedicatória e a minha admiração pela autora decidiram-me a convidá-la a redigir o prefácio desta colectânea.

O texto de Lúcia Jorge — «Este Livro Branco» — dispensaria qualquer nota introdutória, não fora o meu desejo de transmitir ao leitor algumas informações para seu uso acerca do modo como *O Estranho Dever do Cepticismo* foi escrito para os jornais e construído em livro.

Vinte anos de comentários de imprensa — de 1990 a 2010 — é um período de curta duração numa perspectiva histórica, mas bastante longo em termos da vida humana. No meu caso, corresponde ao intervalo entre os quarenta e os sessenta anos. É muito tempo.

Os textos relativos a 1990 foram editoriais do *Diário de Lisboa*, que não tinham periodicidade fixa. Eram semanais os do *Público*, entre 1991 e 1992; os do *Diário de Notícias*, de 1992 a 1996; e, de novo, os do *Público*, de 1998 a 2007. Os artigos do *Jornal de Notícias*, de 2009 a 2010, publicavam-se quinzenalmente. Ao longo dos vinte anos, foram raras as interrupções. Apenas quando exerci o cargo de provedor dos leitores do *Diário de Notícias* (1997-98)²; e entre Fevereiro de 2007 e Dezembro de 2009 (desta fase, incluo apenas alguns textos, inseridos na revista *Paralelo*, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento).

Estas instruções para uso do leitor não visam dirigi-lo para esta ou aquela interpretação, mas apenas sinalizar o modo como os textos

¹ Lúcia Jorge, *Combateremos a Sombra*, Dom Quixote, 2008.

² As colunas escritas na qualidade de provedor dos leitores estão reunidas em Mário Mesquita, *O Jornalismo em Análise — A coluna do provedor dos leitores*, Minerva, 1998.

surgiram e a forma penosa como foram seleccionados. Os comentários destinados à imprensa diária eram redigidos ao sábado e publicados ao domingo. De manhã, documentava-me, ou seja, lia os jornais do dia e, se o tema era internacional, procurava informação adicional na minha estante ou na internet. As referências estrangeiras eram, geralmente, *El País*, *O Estado de S. Paulo*, *Le Monde* e *The New York Times*. O tempo de escrita durava quatro a seis horas. Quando o tema já estava decidido na sexta-feira à noite, o resultado parecia-me melhor.

Considero relevante explicar que quase todos os textos foram escritos com pequeno recuo em relação aos acontecimentos comentados. Em geral, os artigos foram reproduzidos tal como saíram no jornal indicado. As alterações introduzidas visaram apenas evitar repetições de palavras ou melhorar o estilo, sem desrespeitar o valor documental dos textos.

Costumo dizer, com alguma dose de auto-ironia, que o êxito dos artigos (pelos ecos que me chegavam) variava em razão inversa à do trabalho que me dava prepará-los. O maior número de referências registava-se a propósito de assuntos inscritos na agenda dos *media*, de preferência ocorrências registadas na véspera. Quando procurava fugir à tendência para seguir a onda (temática) dominante nas televisões, rádio, imprensa e internet, era provavelmente menos lido. Tentava encontrar os meus próprios temas e, às vezes, conseguia, embora soubesse que a força do contexto mediático, ao contrário do que sustenta o discurso corporativo, se sobrepõe quase sempre à procura da diversidade.

Este livro compõe-se de um conjunto de comentários de imprensa. Comentário não é, em meu entender, sinónimo de crónica. As crónicas são um «género» de intersecção — ou mesmo de sobreposição — entre jornalismo e literatura¹. O comentário remete, por via da regra, para a prosa explicativa. O comentador não visa conquistar um espaço de literariedade nas páginas dos jornais ou na internet.

Isso não significa que o comentarista seja indiferente às formas de expressão, mesmo quando está pressionado pelo tempo. Como sustenta George Orwell, o seu trabalho de jornalista distingue-se por conter uma preocupação formal que, em geral, «um político a tempo inteiro consideraria irrelevante»².

Não pretendo, nem conseguiria, consensualizar esta distinção entre crónica e comentário, tão generalizado está, entre nós, o hábito de designar por crónicas quase todos os artigos opinativos (talvez à excepção do editorial), nem me parece que o problema seja decisivo, para quem escreve ou para quem lê. Limito-me a qualificar os textos reunidos neste volume do modo que me parece mais adequado, apesar de algumas excepções, caso do capítulo intitulado «Colagem Romana» e de mais alguns artigos.

Esta preferência terminológica não equivale a desconhecer que o valor do conceito de «géneros jornalísticos» é relativo e o seu significado pouco rigoroso, embora faça sentido enquanto forma de estruturar os textos, de paginá-los e de organizar as redacções. As próprias tipologias textuais são fluidas. Raras vezes se encontram exemplos de textos narrativos, descritivos, explicativos, argumentativos, explicativos ou dialógicos¹ em estado puro.

As fronteiras dos «géneros jornalísticos» são ainda menos rígidas na sua delimitação, porque neles se combinam diferentes tipos de texto. Em princípio, as crónicas seriam mais narrativas e descritivas, os comentários explicativos e argumentativos. Mas nem sempre acontece desse modo. Como disse Nemésio, tais formas de expressão são proteicas, assemelhando-se aos fatos dos paraquedistas, que mudam de cor consoante o jogo de luzes e sombras que sobre elas incide.

Os cento e tal comentários compilados neste livro foram escolhidos — penosa escolha — de um conjunto pré-seleccionado de quase 500 textos. Antes dessa primeira selecção, já haviam sido postos de parte os artigos sobre a vida política nos Açores e as análises críticas sobre a comunicação social, porque talvez venham a originar publicações autónomas.

Estes textos situam-se na área daquilo a que se poderia chamar jornalismo interpretativo ou argumentativo (mais raramente), que, embora marcado pela primeira pessoa do singular, se caracteriza pelo tom analítico ou, então, por uma tomada de posição. Tomada de posição não é aqui sinónimo de assassínio, à maneira de alguns comentários modernos que se poderiam inscrever no género policial. Nesses, o autor não explica, discute, divaga, deambula ou interroga. Dispara, fuzila, liquida... O êxito do jornalista está associado à nobre arte do assassínio verbal. O comentário transforma-se em sucedâneo miniaturizado da novela policial. Tal como os jornais oferecem aos leitores livros, discos, fascículos de enciclopédia, cassettes, cd-rom, ou mesmo garfos, facas e colheres, o artigo traz

¹ Cf., Mário Mesquita, «A crónica como forma de expressão jornalística», *Deve & Haber*, DistriEditora, 1984, pp. 202-218.

² George Orwell, *Por Que Escrevo e Outros Ensaios*, Antígona, 2008, p.20

¹ Cf., Jean-Michel Adam, *Les textes: types et prototypes*, Nathan, 1992.

dentro o cadáver imaginário de alguma destacada personalidade, deputado da oposição ou líder regionalista, sorteado — cara ou coroa — antes de redigir o texto. O comentarista é contratado para executar, todas as semanas, um crime em prosa. Escolhe a vítima a seu bel-prazer, sem olhar a doutrinas ou ideologias. Entra no *saloon*, olha à sua volta, localiza-a — e dispara sem hesitações. É o crime sem móbil, opção estética assumida a bem do povo em geral e dos leitores em particular.

Este livro consta de textos escritos entre 1990 e 2010, as décadas de transição entre o século xx e o século xxi. Da queda do Leste europeu, passando pelas guerras no Iraque, na Jugoslávia e em Timor, ou pelos massacres no Ruanda, foram anos de modificações profundas nos equilíbrios internacionais. Basta recordar os atentados de 11 de Setembro de 2001 ou a emergência no cenário mundial de novas potências económicas, sem esquecer a crise económica e financeira que se desencadeou nos Estados Unidos em 2008 e se prolonga na Europa e no Mundo até aos nossos dias.

O universo bipolar, estruturado em torno do conflito entre os Estados Unidos e a URSS, a NATO e o Pacto de Varsóvia, entre os quais se movia uma zona incerta dita «não alinhada», deu lugar a novos desequilíbrios em que, apesar da supremacia militar americana, outras potências emergiram, enquanto organizações terroristas sem base territorial fixa perturbavam as visões do mundo baseadas no território nacional e nas alianças transnacionais.

Esta colectânea não apresenta uma proposta de visão global para o dobrar do século e do milénio, à maneira do que poderia ensaiar um historiador da época contemporânea que, olhando para trás, tentasse propor linhas interpretativas das crises e acontecimentos que se foram sucedendo.

Crise a crise, acontecimento a acontecimento, ocorrência a ocorrência, pessoa a pessoa, o que o livro mostra é, por vezes, a perplexidade do autor em face da emergência do inesperado, do horrível, do caótico ou do insuportável. É um mosaico de eventos. Talvez o leitor possa integrá-los numa interpretação que lhes confira unidade e permita vislumbrar o lugar onde por ventura conduzem.

Porquê o título *O Estranho Dever do Cepticismo*? Porquê *estranho*? Porquê *dever*? Porquê *cepticismo*? *Estranho* porque num universo mediático dominado pelas certezas oriundas de vários centros de poder e de interesses, a arte de duvidar é no mínimo uma atitude marginal e pouco apreciada. *Dever*, porque «o cepticismo e a liberdade têm», como disse

Salmon Rushdie, «um vínculo mútuo incidível»¹, mesmo que a atitude céptica não esteja inscrita em nenhum código deontológico. *Cepticismo* porque a política é trabalho interminável, dominado pela incerteza dos cálculos, dos objectivos e pelas oscilações dos seus próprios actores.

O autor destas reflexões situa-se no pólo oposto ao do consagrado termo «*opinion maker*» (fazedor de opinião), na medida em que o seu propósito não foi nem é o de formatar a cabeça dos leitores (como se isso fosse possível...), mas despertar dúvidas e aprofundar incertezas. Convidado a participar num colóquio sobre o papel dos intelectuais na resolução da crise no mundo contemporâneo, Umberto Eco interveio com uma declaração muito curta: «Os intelectuais não resolvem crises, os intelectuais criam-nas.»²

Ao contrário de muitos deslumbrados pela influência dos *media*, herdeiros das teorias da propaganda dos anos 1940 e 50, parece-me que a força persuasiva dos comentários de imprensa é limitada. Revejo-me, por inteiro, nesta reflexão de Norberto Bobbio: «Embora tendo escrito artigos de imprensa durante muitos anos (...), estou convencido, aliás cada vez mais convicto, de que o articulista de opinião não tem a influência sobre a acção política que julga ter: a política, quem a faz são os políticos profissionais, e não os jornalistas ou os intelectuais.»³ Talvez a condicionem, mas não a determinam.

Alguns colegas e amigos criticam-me pelo excesso de citações nos meus comentários. Seria um método impróprio do jornalismo, quando não sugerem que se trata de uma forma pouco subtil de ostentar erudição. Em dada ocasião, um advogado amigo sustentou que as citações se destinavam a validar os meus pontos de vista. Talvez. Por que não?

Nunca me deixei impressionar por essas leituras ou críticas, aliás legítimas. Neste livro, às citações inseridas nos textos acrescentei citações em epígrafe. Talvez o resultado (inevitável, mas não desejado) seja algum barroquismo capaz de irritar certos leitores. Paciência. Cada qual é como é. Num mundo em que só a futilidade garante aplausos, não tenho de me envergonhar por chamar a atenção para escritores ou pensadores célebres ou esquecidos, que disseram o que penso antes e melhor do que alguma vez eu diria. Não o nego: o diálogo com um leque de

1 Salmon Rushdie, *Pisar o Risco*, Dom Quixote, 2004.

2 Umberto Eco, *A Passo de Caranguejo*, Difel, 2007.

3 Norberto Bobbio, *Autobiografia*, Bizâncio, 1999.

autores, assaz eclético, ajuda-me a situar e interpretar os acontecimentos do nosso tempo. Dito de outro modo: ajuda-me a viver.

Céptico acerca do seu próprio cepticismo, o comentarista admite que, em algumas circunstâncias, possa ser criticado por incumprimento do próprio programa, ou seja, que a convicção ou a indignação tenham, em certas situações, prevalecido sobre a vontade de questionar e duvidar. O cepticismo nunca é perfeito e nem sempre será desejável.

O livro organiza-se em seis capítulos, correspondentes a categorias com fronteiras incertas.

O primeiro capítulo contém comentários sobre (ou a propósito de) «Pessoas», agrupando-se primeiro as personalidades estrangeiras e depois as portuguesas. Nalguns casos, esboços de perfis com diferente relevância nacional e internacional; noutros, meras anotações sobre declarações, ocorrências ou publicação de livros.

Os textos agrupados em «Memórias» correspondem a comentários sobre o passado recente, desde a guerra colonial às interpretações divergentes do 25 de Abril, desde a luta contra a ditadura brasileira, nos anos de 1970, às múltiplas facetas do «*affaire Dreyfus*».

A parte designada por «Acontecimentos» engloba desde a ousadia de Barenboim ao interpretar Wagner em Israel, ao professor de História fantasioso castigado numa universidade americana ou a vários incidentes relacionados com o «caso Casa Pia».

O conjunto de textos intitulado «Conjuntura» compõe-se do encontro de ocorrências rotineiras do calendário político, desde a realização de eleições até à formação de governos ou a outros incidentes característicos da vida política.

O capítulo dedicado às «Instituições» ocupa-se da prática política e constitucional que se desenvolveu em Portugal após a década de 1990, sob o incerto sistema do semipresidencialismo.

Sob o tópico «Crises» abrangem-se desde situações de guerra (Iraqe) e de terrorismo (11 de Setembro) até à quase permanente instabilidade da II República Italiana.

Dentro de cada capítulo os artigos obedecem à ordem cronológica, com algumas, raras, exceções, quando se aproximaram textos entre os quais existe uma estreita relação temática, embora afastados no tempo da primeira publicação (por exemplo, os artigos sobre Gunther Grass, Francisco Salgado Zenha e Mário Soares).

Ao reler o livro, fica-me, como principal crítica (a mim próprio), a inexistência de previsão da catastrófica situação económica e financeira, que começou a esboçar-se em Portugal no fim do Governo de José Sócrates e atingiu até agora o seu grau mais elevado com a coligação liderada por Pedro Passos Coelho.

A humilhante intervenção da *troika*, constituída por FMI, BCE e União Europeia, definiu (ou impôs) aos três partidos do arco governativo português um programa de austeridade económica e financeira, a que veio juntar-se a vontade neoliberal do Governo de coligação PSD-CDS.

A necessidade de recurso ao empréstimo externo, o apagamento da Europa Comunitária, que se conformou à liderança de Berlim, conduziram a uma situação que permitiu atingir em pontos nevrálgicos o frágil Estado social português.

Nem os técnicos nem os especialistas ousaram prever tamanha crise num país como o nosso, de pequena dimensão territorial e demográfica, dependente de uma Europa muito hesitante sobre o seu próprio destino e onde as velhas potências continentais do século XIX — Alemanha e França — procuram novos meios para prolongar a sua hegemonia.

Com a situação em curso, na Grécia, na Irlanda, na Espanha, na Itália, não é fácil vislumbrar solução interna para Portugal. Se a União Europeia não avançar no sentido de novas soluções políticas e económicas, o nosso futuro será sombrio. Se abstrairmos da globalização e da estranha e incompleta estrutura da União Europeia, esta época que vivemos em Portugal assemelha-se tristemente à passagem do século XIX para o século XX, com o ambiente cinzento gerado pelo Ultimatum inglês, e pelo Regicídio, a que se seguiria uma República frágil e de curta duração. Depois, o Exército desceu de Braga sobre Lisboa e, algum tempo depois, Oliveira Salazar transferiu-se de Coimbra para Lisboa.

Alguns gostariam que esta história se repetisse ou, de algum modo, reaparecesse. Não creio que tão rude destino nos esteja reservado, mas olhar para o passado recente tem o mérito de prevenir contra as ideias ingénuas do progresso inelutável, rumo a um futuro radioso. Tudo se passa, pelo contrário, como se a História, a contestável História com H grande (existirá? quem a estabelece?), mãe e madrastra em simultâneo, se divertisse connosco num jogo cruel e de resultado imprevisível.

Lisboa, 29 de Janeiro de 2013
MÁRIO MESQUITA

Agradecimentos

Este livro nasceu de um convite de Bárbara Bulhosa, surgido, em 2007, pouco depois de ter cessado a minha coluna no *Público*. O meu dever mais elementar é agradecer à tinta-da-china: a Bárbara Bulhosa, sua proprietária e gerente, a Inês Hugon, responsável pela edição do livro, e a Vera Tavares, autora da capa, que traduziu em linguagem gráfica a lupa do meu cepticismo.

À Lídia Jorge, que não hesitou em associar o seu nome de escritora consagrada a este incerto projecto editorial, não basta, nem faz sentido, agradecer. Gestos destes não se agradecem. Para o José Brandão, que completou este livro com o seu talento de *designer*, fica um abraço muito amigo.

É de elementar justiça mencionar os directores dos jornais onde os textos aqui reunidos foram publicados em primeira mão: Mário Bettencourt Resendes (*Diário de Notícias*), Vicente Jorge Silva e José Manuel Fernandes (*Público*), José Leite Pereira (*Jornal de Notícias*).

A todos agradeço por terem albergado a minha prosa. Permitam-me ainda que deixe ficar uma palavra especial de admiração ao meu amigo Mário Bettencourt Resendes, que já nos deixou há algum tempo. Entre os amigos ausentes, gostaria de evocar António Ruella Ramos, que, na qualidade de proprietário e administrador do *Diário de Lisboa*, acreditou na minha capacidade.

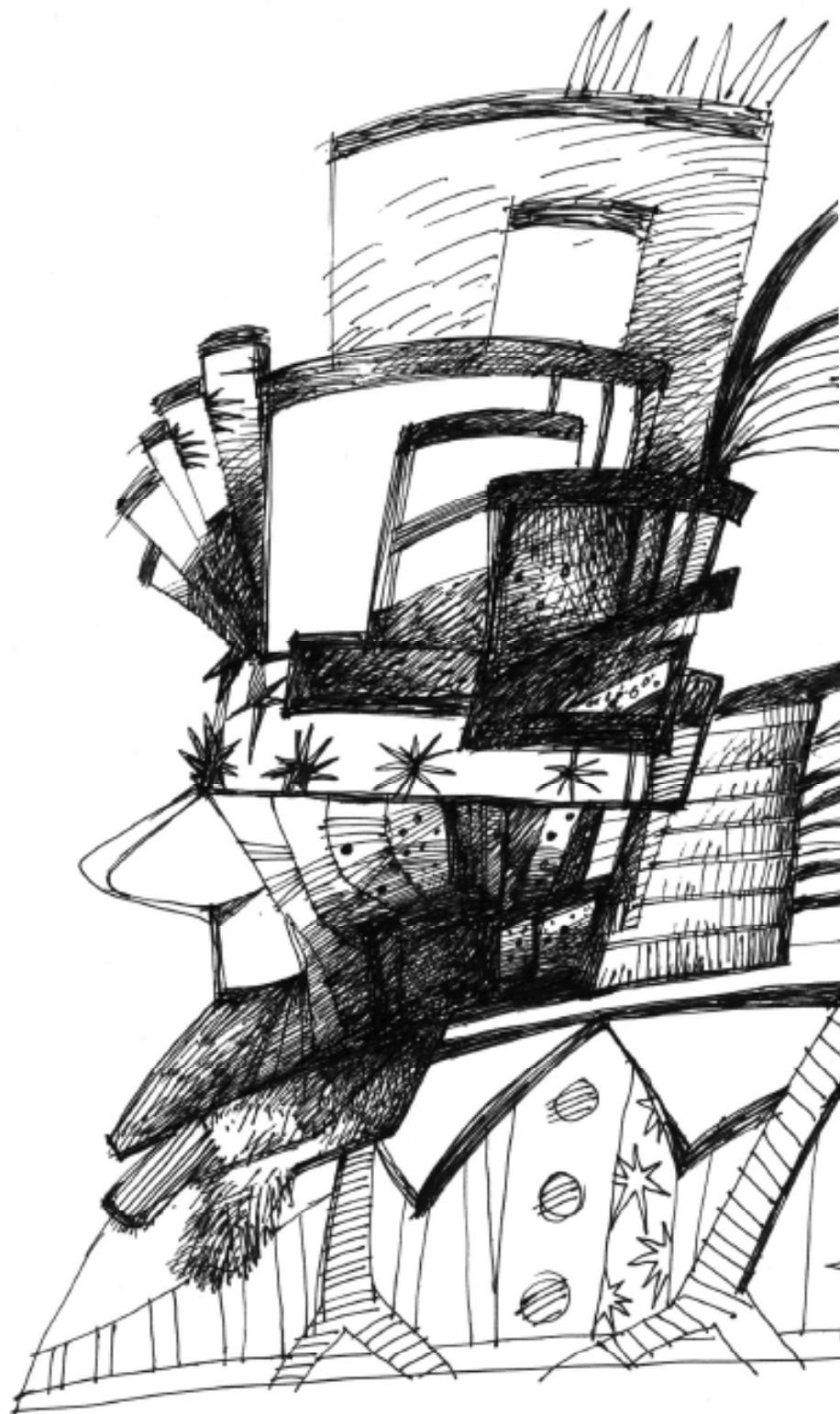
Não foi fácil seleccionar os textos, organizá-los em capítulos e proceder à respectiva revisão. A primeira seriação contou com a ajuda de Carla Maia de Almeida e Madalena Calvo. Seguiu-se a divisão por capítulos e a separação dos textos mais resilientes. Do primeiro ao último dia de trabalho, quase sempre ao domingo de manhã, numa esplanada de Picoas, Madalena Calvo acompanhou-me, com beneditina paciência, na selecção, integração em capítulos e revisão dos textos. Todas as decisões, incluindo eventuais erros, desde a escrita à organização, são da minha exclusiva responsabilidade. O mais penoso foi excluir comentários que talvez possuísem qualidade suficiente para figurar na versão final, mas havia que decidir dentro dos limites do razoável — e assim se fez.

Decidi resistir à tentação de mencionar os nomes de amigos que se deram ao trabalho de me transmitir a sua opinião aquando da

publicação dos textos na imprensa. Se omitir a família, não foram muitos. Quando se escreve integrado em redacções de jornais — aconteceu-me durante vinte anos — há sempre um eco acerca da nossa escrita (nem que seja um silêncio cheio de sentido...). Quando se trabalha em casa, a principal manifestação de apoio é o suave ruído das teclas do computador.

Seria excessivo e arriscado, por serem inevitáveis os esquecimentos, referir o nome dos amigos que, nesta ou naquela altura, me transmitiram a sua opinião. Por todos, agradeço a Flávio Tavares. Durante alguns anos, trocámos e discutimos os nossos artigos semanais, os dele no *Zero Hora*, de Porto Alegre, e os meus em jornais portugueses — uma ponte de amizade cúmplice entre o brasileiro do Rio Grande do Sul e o açoriano de Lisboa.

Pessoas



«Presas dos nossos preconceitos modernos, pensamos que só a obra objectiva, distinta da pessoa, pertence ao público; que a pessoa por trás dela e a sua vida são assuntos de domínio privado, e que os sentimentos ligados a essas coisas 'subjectivas' deixam de ser autênticos e se tornam sentimentais assim que se expõem ao olhar público.»

HANNAH ARENDT¹

«Os objectos têm mais sorte do que nós. Retirados de um sótão, de uma cave, ou mesmo de um recanto esconso, são por vezes expostos em lugar de evidência e beneficiam do sol, do vento e da chuva. Quem de entre nós pode gabar-se de ter gozado de uma segunda existência se não Cristo e, mesmo assim, muito breve?»

PIERRE SANSOT²

Hans Robert Jauss:
O Jovem Capitão e o Velho Professor
Setembro, 1994

O jovem capitão chama-se Hans Robert Jauss. Alistou-se, aos 17 anos, voluntariamente, nas Waffen-SS. Durante a Segunda Guerra Mundial, Jauss comandou uma companhia do Exército nazi, na frente leste, tendo sido condecorado com a «cruz de oiro» por feitos militares. O jovem oficial de então é hoje o professor Hans Robert Jauss, nome desconhecido do grande público, mas familiar aos estudiosos de literatura, enquanto figura proeminente da escola de Constança e fundador da «estética da recepção», que revolucionou os paradigmas de análise literária, ao alargar ao leitor a atenção tradicionalmente concedida apenas ao autor e à obra.

Os antecedentes militares do professor Jauss permaneceram na penumbra, desde que, no pós-guerra, um tribunal aliado declarou que o capitão Jauss «não participou em actividades criminosas». Esse passado veio agora a público, num debate suscitado por outro especialista de literatura, Earl Jeffrey Richards, que reduziu a obra de Jauss, de forma expedita, a uma «nova forma de niilismo intelectual, baseado no nacionalismo cuidadosamente ocultado por um antigo oficial da Waffen-SS». Esta acusação originou, em Maio e Junho, uma polémica nas páginas do *Frankfurter Rundschau*.

O suplemento literário do *Le Monde*¹ publicou uma longa e notável entrevista onde o professor de Constança aborda o seu passado, assumindo a dificuldade com que o faz e o desconforto com que se refere ao silêncio dos seus mestres Heidegger e Gadamer. O caso Jauss sucede, aliás, aos grandes debates iniciados nos anos 1980, como foram a «polémica dos historiadores», que opôs Habermas à escola histórica dos «revisionistas» do passado alemão, ou a questão da atitude de Heidegger perante o nazismo, que se reacendeu após a publicação de um livro de Victor Farias.

O testemunho de Hans Robert Jauss restitui-nos o contexto do seu voluntário alistamento no Exército nazi. À semelhança de outros companheiros de geração, tratar-se-ia de um jovem sedento de acção, que desejava participar nas grandes batalhas do seu tempo, não em função da adesão à ideologia nazi, mas com o intuito de estar presente nos lugares «onde se fazia a história, participando na guerra». A sua experiência

¹ 06/09/1994.

¹ *Homens em Tempos Sombrios*, Relógio D'Água, 1991.

² *Ce qu'il reste*, Payot, 2006.

de militar teria horizontes limitados. «Muitas vezes só soube *a posteriori* qual foi a batalha em que tinha participado», sustenta (aqui, o especialista em literatura comparada lembrou-se, certamente, do exemplo da famosa participação de Fabrizio Del Dongo na batalha de Waterloo...). O que estava em jogo, para o oficial da Waffen SS, era acima de tudo a sobrevivência: «não havia lugar para a ideologia, nem tão pouco para o heroísmo». Só após derrota da Alemanha, feito prisioneiro de guerra, cobraria consciência da gravidade e da dimensão dos crimes cometidos.

No depoimento de Hans Robert Jauss avultam três aspectos essenciais: em primeiro lugar, a condenação, sem atenuantes, do nazismo e dos seus crimes, em segundo lugar, a recusa de «relativização» da barbárie nacional-socialista; em terceiro e último lugar, a afirmação da inutilidade de uma «indignação virtuosa» ou «auto-acusação gratuita» e desprovida de consequências.

Em relação ao primeiro aspecto, o professor de Constança considera que os crimes do nazismo contra a humanidade «ultrapassam absolutamente tudo o que é imaginável numa nação civilizada», sublinhando a relevância do Tribunal Internacional Militar de Nuremberga, que lhe permitiu tomar conhecimento «dos factos» e avaliar o que foi o «horror absoluto» praticado pela Alemanha hitleriana.

No que se refere ao segundo aspecto, Jauss recusa-se a atenuar os crimes e massacres do nazismo, em nome de uma análise «comparativista» com outros atentados contra a humanidade, cometidos por outros regimes, em nome de outras ideologias e noutros locais, porque «cada um desses massacres conserva a sua especificidade no horror e, neste caso, a comparação obscurece a história mais do que a pode esclarecer».

Hans Robert Jauss considera inaceitáveis as análises históricas que, por via do estudo e da compreensão da emergência do Terceiro Reich, acabam por encontrar «razões suficientes» para aceitar como inevitabilidade histórica a instalação da ditadura nazi. Os crimes do regime hitleriano, que se inscrevem no domínio do inumano, não podem — argumenta Jauss — ser compreendidos, porque a compreensão não se resume a um puro acto de racionalidade, sustentado por uma argumentação lógica, mas pressupõe sempre um sentimento, uma adesão de ordem afectiva. «Devo recusar-me a compreender aquilo que não posso aceitar moralmente [...]», porque «se se pode compreender tudo, então também se poderia perdoar tudo, o que é inaceitável.»

No que respeita ao terceiro aspecto, Jauss entende que «assumir inteiramente uma culpabilidade não apaga a vergonha e o silêncio», porque não se pode compensar, nem resgatar o irreparável. Nem faria sentido, em seu entender, comprazer-se numa atitude passiva de permanente auto-acusação. Mais vale «esforçar-se por transformar a culpabilidade e a vergonha através de uma acção comum que permita sair de um passado mortífero». No seu caso específico, fê-lo, no âmbito universitário, através de um projecto intelectual que — segundo as suas próprias palavras — contraria «qualquer veleidade de regresso à ideia de nacionalidade ou de raça como vectores significativos nas ciências humanas».

Ao assumir a «inevitável vergonha nacional» (expressão de Karl Jaspers, seu compatriota), Hans Robert Jauss não escamoteia a seu próprio envolvimento pessoal, mas também não cede ao impulso sem sentido que o poderia conduzir a «instaurar-se em juiz, mesmo em juiz de si próprio». O seu testemunho não se limita a um percurso de superfície, com vista a responder a acusações de circunstância em defesa do bom nome. Visa mais longe e mobiliza, afinal, toda a sua dimensão de pensador e universitário. No centro da sua reflexão, está a «irrupção da barbárie nazi no seio da própria cultura», ou seja, o drama da universidade alemã arrastada pela voragem totalitária em que «todos participaram, pelo menos tacitamente».

«Ao longo de muitos anos, não consegui reler as minhas cartas da juventude, enviadas da frente de batalha. Quando finalmente as consegui reler, surpreendi-me com esse jovem que se transformou num estranho, no qual não me podia reconhecer.» É nestes termos que Hans Robert Jauss responde a uma pergunta sobre a hipótese de publicar «memórias» acerca do seu passado de oficial das Waffen-SS.

Na perspectiva de Jauss, a história pode compreender-se a três níveis: a que se desenrola no presente, quando nela nos encontramos implicados enquanto actores; aquela em que somos envolvidos passivamente, como testemunhas; e, por fim, a história enquanto objecto de reflexão. «Quando alguém tenta apreender o seu próprio passado», sustenta o professor de literatura, «estes três níveis podem sobrepor-se, mas é a recomposição pela lembrança que prevalece.»

Como articular, ao escrever memórias, estes diferentes níveis? «Para contar o meu passado no presente seria necessário encontrar um discurso dividido», afirma Jauss. Não é só o cidadão que se exprime

desta forma, mas também o especialista de teoria literária e narratologia que procura equacionar os problemas da «ego-história». O que será «um discurso dividido»? O professor de Constança explica que, à semelhança de algumas obras autobiográficas (de Nathalie Sarraute, por hipótese), teria de construir um discurso polifónico que lhe permitisse estabelecer «um diálogo entre o eu que conta episódios do seu passado e uma outra voz que não cessa de o interpelar, de forma que seja evitada qualquer idealização das recordações». Ainda prisioneiro de guerra, nos anos 1940, Jauss já admitia que «a memória podia ser enganadora», de tal forma que «seria necessário escrever as suas memórias contra as suas recordações»...

Charles de Gaulle: a Dimensão Quixotesca

Janeiro, 2000

A classe política portuguesa, que se desdobra em vérias à memória de Winston Churchill, mostra-se mais reservada em relação a Charles de Gaulle. O general tinha má reputação no mundo de idioma inglês: demasiado nacionalista e excessivamente antiamericano. A sua Europa do Atlântico aos Urais não despertava simpatias do outro lado do Atlântico, enquanto o Portugal salazarista via nele, antes de mais, o descolonizador da Argélia.

Pelo meu lado, sempre tive simpatia pelo parlamentar britânico que contrariou, tenazmente, na Câmara dos Comuns, a política conciliatória do primeiro-ministro Chamberlain com a Alemanha hitleriana, que conduziu aos acordos de Munique. Confesso, no entanto, que, das figuras políticas da Europa do século xx, aquela que verdadeiramente me fascina é Charles de Gaulle. Não por ser general, nacionalista e algo autoritário, mas sobretudo pela dimensão quixotesca, pela rara capacidade de, em nome de uma «certa ideia da França», definir políticas que pareciam muito além daquilo que a sensatez e as relações de forças aconselhariam a fazer, desde o «quartel-general» da Resistência, em Londres, ao «Viva o Quebec Livre», quando desembarcou no Canadá.

Nem por isso deixa de ser surpreendente o conteúdo do documento secreto, datado de 21 de Maio de 1943, que o Foreign Office divulgou, na quinta-feira, em Londres. Trata-se de uma mensagem enviada

por Churchill, simultaneamente, ao seu vice-primeiro-ministro Attlee e ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Eden, em que sustentava, aparentemente com base em sugestões americanas, que considerassem a possibilidade de «eliminar De Gaulle enquanto força política». Charles de Gaulle acabava de recusar qualquer tipo de cooperação com o general Giraud, aliado preferencial dos norte-americanos. Churchill não poupava palavras ao adjectivar o «chefe da França livre» como um homem « vaidoso e mal-intencionado » que detestava a Inglaterra e os Estados Unidos.

O ponto de vista de Winston Churchill não vingou. Attlee e Eden opuseram-se, considerando que «nenhum esforço de propaganda que (os ingleses) pudessem desenvolver chegaria para convencer os franceses de que o seu ídolo tinha pés de barro». Embora fossem bem conhecidas as desavenças entre Churchill e De Gaulle, nessa época, esta revelação histórica é tão forte que o ministério dos Negócios Estrangeiros britânico manteve o documento sob sigilo mais cinco anos do que a legislação prevê. Não fosse a «descoberta» prejudicar as comemorações do desembarque aliado na Normandia. O que diz bem da forma censória como a história das comemorações se relaciona com a história dos historiadores.

George Steiner: a Cultura na Primeira Página

Maio, 2001

*Em memória do João Carlos Alfacinha da Silva,
ao amigo inteligente e discreto, que cedo nos deixou.*

Comecei bem a manhã, o que para mim é decisivo, porque, em regra, se prolonga ao longo do dia. Na minha habitual banca de jornais, comprei o *ABC*, de Madrid, jornal de tradição conservadora e monárquica, que raramente me acontece ler. Possui um formato cómodo e *sui generis*, uma espécie de minitablóide, com as páginas agrafadas como se de um magazine se tratasse. O que me interessou naquela edição do jornal foi a primeira página, hegemónizada pela fotografia do pensador George Steiner, a quem foi atribuído o Prémio Príncipe de Astúrias de Comunicação e Humanidades.

O «grande plano» de Steiner — ou de outro intelectual do mesmo tipo — não é a opção mais comum na primeira página de um quotidiano de informação geral. Nem é frequente a cultura sobrepor-se assim ao escândalo, ao *fait divers*, à política, ao desporto. Se fazer jornalismo pode ser um acto de cultura, esta primeira página corresponde a um gesto cultural forte e assumido, tal como a atribuição da página três, na íntegra, a um texto inédito do escritor (em pré-publicação da tradução castelhana).

Para mais, não estava em causa um eventual Prémio Nobel conferido a um escritor espanhol, mas apenas uma distinção espanhola atribuída a um escritor estrangeiro, embora cidadão do mundo, num sentido que não é apenas metafórico, porque Steiner é, ele próprio, um exemplo vivo de multiculturalismo. Nasceu em França, mas é cidadão norte-americano, país onde a sua família se refugiou por causa do nazismo. Nasceu numa babel linguística. «Não tenho memória de uma primeira língua», escreveu o pensador. Em sua casa, falava-se inglês, francês, alemão e até húngaro. Além destas línguas, conhece o hebreu e o italiano. Curiosamente, não domina o castelhano, o que significa que o júri do Prémio Príncipe de Astúrias não agiu por motivações estreitas e nacionalistas. Pelo contrário, pretendeu consagrar uma obra de valia universal.

O modo como a manchete está redigida corresponde a um estilo hiperbólico, a um exagero jornalístico — «George Steiner, *el último gran sabio contemporáneo*» —, mas traduz a política cultural de um dos quatro grandes diários de Espanha (a par de *El País*, *El Mundo* e *La Vanguardia*), que possui uma tiragem diária superior a 290 mil exemplares por dia.

Através do *ABC*, mas também de desenvolvidas reportagens, entrevistas e críticas em *El País*, *El Mundo* e *La Vanguardia*, os jornais retribuem a Steiner a amizade que o próprio escritor dedica à imprensa. Não só por ter sido crítico literário do *New York Times* e da *New Yorker*, além de comentarista da *Economist*, mas porque, ao contrário de certo pedantismo académico, valoriza a leitura dos periódicos enquanto rotina quotidiana geradora de prazer.

Numa entrevista recente, perguntaram-lhe como concebia o paraíso e o pensador respondeu: «É muito fácil. Conhece Milão? Conhece a galeria? Estou ali sentado a tomar um *capuccino*. Tenho sobre a mesa *Le Monde*, *La Stampa*, *El Mundo*... e uma entrada para La Scala. Isso é para mim o paraíso.»¹

1 Entrevista a Irene Hdez Velasco, *El Mundo*, 10/05/2001.

Talvez o alegado conservadorismo do pensamento de George Steiner tenha constituído uma das motivações do relevo concedido pelo *ABC* ao galardão literário que lhe foi atribuído. Mas considero o rótulo de conservador inadequado para classificar, na sua globalidade, a obra de Steiner, não só pela sua oposição a todas as formas de totalitarismo político e intelectual, mas porque a cada página, a cada linha dos seus livros — ou até das meras declarações em entrevistas de ocasião — nos provoca, desafia e ensina a questionar as rotinas e as dogmáticas.

Se existe um lado conservador nas propostas de Steiner, o seu pensamento sobre a relação entre a literatura, a arte e a crença religiosa («não sabemos o que poderia ser a contrapartida ateia da *Divina Comédia* de Dante ou da música de Bach»), e se essa componente esteve, porventura, na origem da opção do jornal de Madrid, não vejo qual é o problema...

Oxalá tivéssemos, em Portugal, uma direita conservadora, ligada a princípios e a uma certa visão da cultura, em vez de convivermos um «centrão» mole vinculado apenas aos cultos da moda, do efémero e da eficácia, uma «ideologia» do apolítico, do rentável e do tecnologicamente correcto. Não estou a desinscrever-me da família de esquerda a que pertenço (um pouco naquela atitude do meu avô farmacêutico, republicano e anticlerical, que não frequentava igrejas, excepto no fim de cada ano em que participava no *Tè Deum* de Acção de Graças), mas lembro-me, com alguma nostalgia, do *Fígaro*, nos anos 1970, onde escreviam intelectuais de direita e centro-direita como Raymond Aron e tantos outros do mesmo nível.

A SIC também difundiu recentemente uma longa e, ao que me dizem, magnífica entrevista com George Steiner. Ora, o problema é precisamente esse das temáticas culturais serem remetidas muitas vezes para guetos, corporizados em programações fora de horas, canais temáticos, lugares esconsos, publicações hiperespecializadas. Por isso rejubilei, ingenuamente, com aquela primeira página do *ABC*.

O dirigente da Televisão da Galiza, José Durán, afirmou, recentemente, que o tratamento jornalístico da cultura deve ser encarado, em simultâneo, como forma diferenciada e autónoma, com programas específicos, mas também com participações avulsas e fragmentárias integradas no todo informativo. A coexistência das duas dimensões — permito-me acrescentar — é essencial, a fim de garantir, simultaneamente,

o tratamento aprofundado das temáticas culturais mas também que estas não fiquem confinadas a um gueto.

O tratamento informativo da homenagem espanhola a Steiner — no *ABC*, *El País*, *El Mondo* e *La Vanguardia* — constitui um exemplo de excelente jornalismo cultural, com recurso a editoriais, pequenos ensaios, entrevistas e textos originais do escritor. Talvez uma forma de atenuar o pessimismo do próprio Steiner, quando afirma: «As democracias populistas não estão, necessariamente, voltadas para a excelência. O império dos meios de comunicação e do mercado, o oportunismo distributivo do consumo de massas [...] podem ser muito mais perniciosos para a arte do que a censura nos regimes do passado.»¹ Dito desta forma brutal, por um democrata, humanista, antitotalitário, o diagnóstico é duro de ouvir e de digerir...

Em Steiner, autor paradoxal e perturbador, o reconhecimento do papel das elites no desenvolvimento da cultura (e a defesa, parece-me, de um certo elitismo cultural) se conjuga com a verificação da coexistência aberrante das mais sofisticadas manifestações culturais com as barbáries do século xx: «Os concertos brilhantes, as exposições em grandes museus, a publicação de livros eruditos, o percurso de uma carreira académica, tanto científica como humanística, florescem junto dos campos da morte. A ingenuidade tecnocrática serve ou permanece neutra perante o apelo do inumano. O símbolo da nossa era é a conservação de um pequeno bosque estimado por Goethe dentro de um campo de concentração.»²

Katharine Graham, a Senhora Imprensa *Julho, 2001*

A morte de Katharine Graham, aos 84 anos, comoveu os Estados Unidos e a comunidade jornalística por todo o mundo. A vida da outrora discreta viúva Graham, que se converteu num símbolo da liberdade e do poder da imprensa, transformou-se numa narrativa mítica do jornalismo mundial, mas também numa história exemplar

acerca da mudança do estatuto da mulher na segunda metade do século xx.

Limitando-me apenas às edições *online* do *Washington Post* e do *New York Times*, imprimi cerca de sessenta páginas relativas ao dia seguinte à sua morte e fiquei longe de esgotar a matéria, que seria mais do que suficiente para um livro de bolso de duzentas ou trezentas páginas, se fossem acrescidos os materiais obtidos através das ligações às páginas de opinião de outros jornais americanos e os debates em directo promovidos na *web* pelo próprio jornal.

A ligação de Mrs. Graham aos casos Watergate e dos Documentos do Pentágono (no primeiro caso, liderando a investigação; no segundo, apoiando o *New York Times*) são unanimemente referidas em toda a imprensa americana como os dois grandes momentos da intervenção da proprietária e presidente do Conselho de Administração do jornal. Isso é normal e justo. Pela coragem revelada no apoio concedido a Ben Bradlee, director da redacção, e aos repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, mesmo quando os consultores jurídicos se dividiam ou hesitavam, chamando a atenção para os riscos inerentes à decisão de publicar.

A demissão de Nixon, em 1974, a fim de evitar o processo de destituição, constituiu um marco na história da imprensa norte-americana e na projecção do estatuto dos jornalistas. A cultura de liberdade de imprensa, desenvolvida a partir das revoluções liberais, traduz-se no apreço dos jornalistas e do público pelas decisões de publicar, e não com sábias e, por vezes, justas medidas de restringir (em nome do segredo de Estado ou da protecção da vida privada) ou suspender (com vista a confirmar) a divulgação de notícias ou investigações. A fama de Katharine Meyer Graham construiu-se quando, ao vencer as suas legítimas preocupações de principal responsável, disse: *Go ahead, go ahead. Let's go. Let's publish.*

Por que motivo entendo que a fibra de uma decisora como Katharine Graham se revelou, sobretudo, em momentos mais obscuros e menos conhecidos da história do jornalismo norte-americano? Porque é na «gestão de crises» que se demonstra, em toda a sua plenitude, a capacidade de um líder empresarial ou político...

Como gestora, provavelmente, o momento mais dramático da sua carreira foi a greve de quatro meses e meio que resultou do seu desacordo com reivindicações de trabalhadores não jornalistas

1 Entrevista a Juan Pedro Quiñero, *ABC*, 10/05/2001.

2 Excerto da pré-publicação de *Gramáticas de la Creación*.

do *Post*, filiados nos sindicatos *blue collars*. Ganhou a batalha com os sindicalistas, mas, segundo alguns dos seus biógrafos, algo se alterou desde então nas suas simpatias políticas, no quadro político norte-americano. Desde então, tornou-se mais conservadora. Essa greve operária ocupa setenta páginas nas suas memórias, premiadas com o Pulitzer, enquanto o caso Watergate, que lhe assegura a glória e a simpatia dos jornalistas de todo o mundo, apenas preenchem 45 páginas do livro...

Dizer aos jornalistas para avançarem — «vão em frente, investiguem, publiquem...!» — granjeia sempre aplausos, mesmo quando a decisão se revela, *a posteriori*, errada ou acarreta dissabores judiciais à empresa (o que nem foi o caso dos Documentos do Pentágono ou do Watergate). Mais difícil, embora menos popular e gratificante, é agir em circunstâncias em que a imagem do jornal foi lesada por erros cometidos por imprudência ou incúria, sem fugir às responsabilidades, nem camuflar o sucedido...

É por isso que, geralmente, fica na sombra a actuação de Mrs. Graham num outro «incidente crítico» da história do jornalismo norte-americano: o caso Janet Cook, um triste episódio que se voltou não só contra o *Washington Post*, mas contra o jornalismo e os jornalistas nos Estados Unidos e por todo o lado. Talvez não seja por acaso que nenhuma das muitas crónicas necrológicas publicadas no *Post* e no *NYT* refere esse desagradável assunto. Aos dias de glória do Watergate, seguiram-se, para o *Post* e para o jornalismo norte-americano, épocas de desgaste e desprestígio...

O caso Janet Cook ocorreu em 1981. Uma jovem e muito prestigiada repórter, dotada de grande talento narrativo, publicou uma reportagem sobre um jovem, Jimmy de seu nome, de oito anos, drogado com heroína. Atribuíram-lhe o Prémio Pulitzer de Reportagem. Tempos depois, revelou-se que o texto era pura ficção. Jimmy era uma personagem imaginária. Como escreveu Gabriel Garcia Márquez naquela altura, era um belo texto, mas o júri enganou-se (ou melhor: foi enganado) na categoria. Deveria ter-lhe atribuído o prémio de novela.

Curiosamente, o editor responsável era Bob Woodward, a personagem do caso Watergate representada por Robert Redford no famoso filme *Todos os Homens do Presidente*. Quando a fraude foi descoberta, Janet Cook devolveu o prémio, demitiu-se do jornal e re-

nunciou ao exercício da profissão. O jornal procedeu ao necessário reexame dos seus métodos. A confiança na talentosa e bela repórter negra do *Post* tinha prevalecido sobre o cuidado na confirmação dos dados e dos factos.

O director Ben Bradlee conta, na sua autobiografia profissional, que Janet Cook era uma bela mulher, de 26 anos, com rara capacidade, mas suscitava a antipatia do sector negro da redacção do *Post*, talvez porque preferia sempre a companhia dos jornalistas brancos. Os jornalistas do seu próprio grupo étnico foram os primeiros a denunciar o carácter ficcional da pseudo-reportagem, mas, talvez por serem suspeitos de animosidade perante a colega, não foram ouvidos pelos superiores hierárquicos.

O que me parece especialmente importante é a forma como o *Washington Post* e Katharine Graham lidaram com o caso. Reexaminaram o modo como a reportagem passou através de diferentes crivos na redacção, sem nunca chegar a ser verificada. Solicitaram uma investigação aprofundada ao *ombudsman* (provedor do leitor), Bill Green, que dispôs de mais de uma página para analisar o caso. Mas isso não evitou que o *Post* pagasse caro pelo escândalo Cook. A repórter desculpou-se com a excessiva pressão interna para a obtenção de «furos» noticiosos, descuidando-se, por vezes, a seriedade da investigação. Jornais, revistas, publicações especializadas e departamentos universitários dirigiram severas críticas ao jornal.

O que parece dignificante, na forma de lidar com a falsa reportagem intitulada «Jimmy's World», é que o *Post* assumiu o erro, em vez de o disfarçar ou minimizar. Ao saber que não estava agendada nenhuma sessão na conferência anual da Associação Americana de Editores de Jornais para discutir o assunto, Katharine Graham dirigiu-se ao então presidente da associação, solicitando a inclusão do tema nos debates. Disse-lhe, mesmo, conforme conta nas memórias: «Você será ridicularizado por toda a imprensa se não incluir o caso Cook no programa. Pessoalmente tenho algum receio dessa discussão, mas é o grande caso deontológico do momento. Seria conveniente que organizasse esse debate.» E assim sucedeu. Os editores do *Post* — liderados por Ben Bradlee — foram quase massacrados pelos colegas, mas a estratégia da «gestão de crise» de Kay Graham e da sua redacção passava por dar a cara, e não por enterrar a cabeça na areia. Alguém imagina coisa assim em Portugal?

telefónicas, ainda trago comigo as imagens da espantosa passagem de modelos no palácio de uma *principessa* romana e devota, em que desfilam na *passerelle* — como se fossem modelos Versace ou Armani — freiras esvoaçantes, padres de inegável elegância e bispos em púrpura envoltos. E trago sobretudo imagens coloridas do emaranhado das pequenas ruas de Roma e da sua admirável paisagem humana. Lembro, ainda uma vez, David Mourão-Ferreira: «Não são propriamente ruas: são veias; são vias que são veias». Admirável Roma! Ainda não passei do terminal do aeroporto e já começo a antecipar o desejo de voltar. E a vontade do regresso.

Índice onomástico

- ABELAIRA, Augusto 250
 Abreu, Dinis de 424
 Abreu, Maria Fernanda 140
 Accorsi, Stefano 219-20
 Adenauer, Konrad 82
 Adorno, Theodor 244
 Alain (Émile-Auguste Chartier) 397
 Albuquerque, Elisa 211
 Alegre, Manuel 128, 186, 345, 358, 367, 373-6, 442
 Almeida, António José de 266
 Almeida, Carlos Castro 189
 Almeida, João Ferreira de 427
 Almeida, Joaquim de 219
 Almeida, José de 97
 Almeida, Onésimo Teotónio de 139, 229, 298
 Almeida, Vieira de 184
 Althusser, Louis 88-9
 Alves, Dário Castro 227
 Alves, João 288
 Alves, Vítor 264
 Amaral, Diogo Freitas do 117, 123, 129, 347, 411, 413, 422-3, 461, 473
 Amaral, Ferreira do 374
 Amaral, João Bosco Mota 21, 92-9, 146, 205
 Amis, Martin 464, 466
 Andrade, Costa 128
 Andrade, Manuel de 150
 André, Gonçalves 211
 Andreotti, Giulio 508-10
 Andringa, Diana 275-6, 448
 Anglin, João H. 93
 Annan, Kofi 246
 Antunes, Ernesto Melo 115
 Antunes, José Freire 186
 Aragon, Louis 170, 248
 Arcais, Paolo Flores d' 505
 Arcos, Joaquim Paço d' 250
 Areias, Manuel 189-90
 Arendt, Hannah 37
 Aron, Raymond 45, 65-6, 74, 371, 458
 Arroyo, Carmen 138
 Ash, Timothy Garton 50
 Attali, Jacques 74-5, 77
 Attlee, Clement 147
 Augé, Marc 259
 Aurélio, Diogo Pires 284
 Avilez, Maria João 112, 231
 Azevedo, Pinheiro de 264
 BALAGUER, Josemaría Escrivá de 506
 Balsemão, Francisco Pinto 97, 121-2, 126, 205, 347, 372, 387-8, 390, 398, 412-3, 415, 421, 423-4
 Balsinha, Fernando 152-4
 Baptista, António Alçada 94, 107, 171-2
 Baptista, Carla 212
 Baptista-Bastos, Armando 170, 210
 Barbosa, Carlos 157
 Barboza, Mário Gibson 199-201, 227
 Barenboim, Daniel 30, 298-301
 Barradas, Mário 159
 Barrento, João 502
 Barreto, António 118, 128, 189, 208, 239, 334, 353
 Barros, António Theodoro 240-1
 Barroso, José Manuel Durão 291, 346-7, 349-52, 355, 358, 361, 367, 378, 396, 409-12, 414-5, 421-2, 454, 457, 477
 Barthes, Roland 87-8

- Beauvoir, Simone de 66, 74
 Belo, Carlos Ximenes 471, 473
 Benavente, Ana 189-90
 Benedetti, Carlo de 486, 492-3
 Bennett, Catherine 293
 Bento, Carlos Melo 94
 Beran, Cardeal 131-2
 Berenguer, Angel 132
 Berl, Emmanuel 247-9
 Berlinguer, Enrico 501, 509, 511
 Berlusconi, Silvio 55, 408, 458, 485-
 -95, 497-8, 508-9, 515
 Bernstein, Carl 47
 Bertrand, ClaudeJean 158
 Bessa-Luís, Augustina 356
 Bettino, Gianfranco 506
 Beuve-Méry 58, 263
 Bevan, Aneurin 147, 184
 Blair, Anthony 447
 Blair, Eric Arthur (*ver* Orwell,
 George)
 Blair, Tony 50-2, 314, 372, 446-7, 454,
 458
 Bloch, Arnaldo 238
 Bobbio, Norberto 7, 29, 53-5, 182,
 375, 407-8
 Böll, Heinrich 82
 Botelho, Fernanda 250
 Boukharine, Nikolai Ivanovitch 61-2
 Boutros-Ghali 469
 Bradlee, Ben 47, 49
 Brandt, Willy 82, 306, 501
 Brás, Costa 400
 Brasillach, Robert 249
 Brel, Jacques 71
 Briand, Aristide 61
 Brizola, Leonel 236-9, 241
 Bush, George W. 163-4, 246, 354,
 376, 436, 441, 443-4, 457, 460,
 463-5, 469-70
 CABRAL, Francisco Sarsfield 353
 Cabral, Gonçalo Velho 131
 Cabral, Manuel Villaverde 448
 Cadilhe, Miguel 426
 Caetano, Marcelo 94-5, 100, 146,
 162, 167, 172-3, 199, 201-2, 205,
 228, 235, 337
 Caldas, Júlio Castro 116
 Caldeira, Alfredo 275-6
 Caldeira, Heliodoro 275
 Calvino, Italo 514
 Camacho, Brito 266, 346
 Camões, Luís de 105, 223-6, 240,
 250-1, 505
 Camus, Albert 57, 66, 71, 135, 455
 Cândido, Armando 94
 Canfora, Luciano 506
 Canivet, Guy 253
 Canotilho, Gomes 406, 421
 Canotilho, Mário 171
 Canto, José do 191-3
 Cardia, Mário Sottomayor 128-9,
 179, 208, 231
 Cardoso, António Lopes 209
 Cardoso, Fernando Henrique 58, 59
 Cardoso, Lopes 128, 209
 Cardoso, Miguel Esteves 353
 Carey, George 436
 Carlos, Adelino Palma 123-4
 Carneiro, Francisco Sá 95-7, 118,
 121-3, 125-7, 146, 178, 184-5, 342,
 351, 370, 387-8, 402, 413, 415,
 420, 422
 Carré, John le 452
 Carter, James 281
 Carvalho, Alberto Arons de 211
 Carvalho, Daniel Proença de 355
 Carvalho, Otelo Saraiva de 219-20,
 264, 340-1, 421, 448
 Carvalho, Rui de 220
 Castanheira, José Pedro 187
 Castoriadis, Cornelius 222
 Castro, Fidel 183
 Castro, José Ribeiro e 379
 Catroga, Fernando 464, 467
 Céline, Louis Ferdinand 83
 Cervelló, Josep Sánchez 234
 César, Horácio 183
 Champalimaud, António 166-9
 Changuito (Mário Guerra) 165-6
 Chaparro, Manuel Carlos 284
 Charyn, Jerome 434
 Cheney, Dick 453
 Chirac, Jacques 77, 241-2, 246, 260-2,
 335-6, 463
 Churchill, Winston 42-3, 366
 Cintra, Luís Miguel 220
 Cioran, Emil 105
 Clément, Catherine 78, 80
 Clinton, Hillary 222, 325
 Cockburn, Alexander 435
 Coelho, Jorge 345
 Coissoró, Narana 309
 Colaço, Isabel Magalhães 123
 Constâncio, Vítor 101
 Cook, Janet 48-9
 Correia, Ferrer 145
 Correia, Natália 104, 139, 141
 Correia, Telmo 410-1
 Corte-Real, Pamplona 400
 Cortesão, Jaime 184
 Costa, Afonso 61, 266
 Costa, Amaro da 186, 210, 422
 Costa, Hélder 189
 Costa, Ramos da 112
 Coulter, Ann 441-2
 Coutinho, António Borges 93, 95-6,
 159
 Coutinho, Rosa 264
 Craxi, Bettino 492-3, 501-2
 Cruz, Manuel Braga da 188
 Cruz, Martins da 454
 Cunhal, Álvaro 99, 128, 148, 168, 179-
 -83, 341, 347, 508
 Cunha, Tito Cardoso e 370
 Curto, Francisco Marcelo 231
 D'ALEMA, Massimo 501, 505
 DaMatta, Roberto 292, 294, 323-5
 Daniel, Jean 61, 73
 Dantzig, Charles 248
 Darcy, MarieLine 179
 Dayan, Daniel 284
 Debs, Eugene 91
 Delgado, Humberto 159, 162, 171-2,
 202, 228, 233, 345
 Delors, Jacques 350
 DeMille, Cecil B. 317
 Dewey, John 89-90
 Dias, Figueiredo 126
 Dines, Alberto 59
 Dionísio, Eduarda 464
 Dionne, E. J. 456
 Dirceu, José 237
 Direito, Vítor 133, 136, 154-8
 Dody 72
 Dole, Robert 281
 Dongo, Fabrizio Del 40
 Dorso, Guido 409
 Dreyfus, Alfred 30, 250-4
 Duhamel, Alain 457-8
 Durán, José 45
 EANES, Ramalho 21, 118, 131, 174, 178,
 186-8, 239, 333-4, 340, 370, 372,
 387-8, 403, 414, 420-3, 425
 Eco, Umberto 29, 427, 485, 497, 505
 Eisenhower, Dwight 246
 Elias, Norbert 437
 Ellis, Joseph J. 295-8
 Eppstein, Ury 300
 Escarpit, Robert 133
 Esterhazy 252

- Estaing, Valéry Giscard d' 260
 Etchegoyen, Alain 118
- FAFE, José Fernandes 233
 Falcão, Manuel 165
 Fassino, Piero 491, 501-2, 507-9
 Feijó, Rui 208
 Félix, Emanuel 163-6
 Fernandes, Alberta Marques 285
 Fernandes, José Manuel 306
 Ferreira, António Pedro 371
 Ferreira, Eduardo Paz 58, 513
 Ferreira, Fátima Campos 115
 Ferreira, José Medeiros 5, 95, 110, 112, 118, 128, 187-9, 208, 234, 239, 250-1, 281, 366-7, 412, 442, 475, 483
 Ferreira, Vergílio 154, 189, 433
 Figueiredo, Cristina 371, 403
 Figueiredo, Eurico 128, 189, 405
 Filho, Otávio Frias 119
 Fo, Dario 505-6
 Fonseca, Manuel da 250
 Fontana, José 125
 Ford, Gerald 281
 Forjaz, Cândido 94
 Foucault, Michel 88
 Fragoso, José Manuel 200
 France, Anatole 252
 France, Pierre Mendès 63, 262-3
 Franco, Afonso Arinos de Melo 226
 Franco, António de Sousa 168, 176-9, 222, 418
 Franco, Francisco 72, 180, 246, 506
 Franco, Matilde Sousa 177
 Freud, Sigmund 21, 77-80
 Furtado, Celso 56-60
- GABLER, Neal 282
 Gadamer, Hans-Georg 39
 Galante, José Pinto 173
- Galbraith, John K. 91
 Gama, Jaime 53, 94-7, 110, 125, 128, 145-6, 183-4, 230, 250, 345, 399, 403
 Garzón, Baltasar 446
 Gaspar, Miguel 353
 Gaulle, Charles de 21, 42-3, 63, 76, 108, 163, 180, 260, 261-3, 334, 337, 357, 366, 454, 458
 Genette, Gérard 87-9, 102
 Gerth, Donald T. 449
 Gil, Fernando 53
 Giraud, Henri Honoré 43
 Godinho, José Magalhães 230, 400
 Goethe, Johann Wolfgang von 10, 46, 84, 501-2, 511
 Goldsmith, James 371-2
 Gomes, António Ferreira 275
 Gomes, Bernardino 117
 Gomes, João 171
 Gomes, Manuel Teixeira 103
 Gomes, Mário de Azevedo 125, 184
 Gonçalves, Vasco 123, 264-5, 417
 Gonelha, Maldonado 391
 González, Felipe 338, 435
 Goulart, João 56-7, 99, 236-7, 239-41
 Gouveia, Fialho 152
 Gouveia, Rui Maggiolo 305-7
 Gouveia, Teresa 333
 Gracq, Julien 512
 Graham, Katharine Meyer 46, 47-9
 Grass, Günter 21, 80-4, 86, 267
 Green, Bill 49
 Guerra, Álvaro 84, 104, 133-6, 138-9, 153
 Guerra, João Pedro Miller 92, 96, 127, 205-6
 Guerreiro, Emídio 122, 127
 Gusmão, Xanana 472
 Guterres, António 101, 114, 116-9, 123, 177, 179, 289-90, 334-9, 351, 356, 359, 361, 367, 391, 395-6,
- 399-400, 403-6, 414-5, 442, 446, 474, 477, 507
 Guthrie, Dan 441
 Gutting, Tom 441
- HABERMAS, Jürgen 90
 Havel, Václav 130, 132
 Heaphy, Janis Besler 449-51
 Heidegger, Martin 39
 Hervieu-Léger, Danièle 257
 Hitler, Adolf 20, 72, 238, 243-5, 249, 254-5, 298, 300, 458
 Hobbes, Thomas 54
 Honecker, Erich 183, 268
 Horta, Basílio 374
 Horta, José Ramos 471
 Hummes, Cláudio 314
 Hussein, Saddam 452-3, 456, 459-60, 462, 464-6, 469
- IOUCHTCHENKO, Viktor 241
 Iriarte, Rudolfo 158
- JASPERS, Karl 41
 Jauss, Hans Robert 20, 39-1, 180
 João Paulo II 104, 282-4, 314-7, 321, 504-5
 Johnson, Lyndon 163, 282
 Júdice, José Miguel 312
 Justino, David 224
- KATZ, Elihu 284, 290
 Kayser, Wolfgang 137
 Kelsen, Hans 54
 Kennedy, John F. 91, 163, 200, 216
 Kerensky, Alexander 89
 Kiessinger, Kurt Georg 82
 Kleist 185
 Koestler, Arthur 62
 Kohl, Helmut 77, 268
- Kurtz, Howard 433, 456
 Kvapil, Jaromir 130
- LACERDA, Carlos 239
 Lacouture, Jean 180, 262-4
 Laden, Ossama Bin 130, 437, 442-4, 448, 452, 462-3
 Lafontaine, Oskar 222
 Lamas, Maria 161
 Lara, António Sousa 391
 Laval, Pierre 76
 Lazare, Bernard 252
 Leal, Artur Cunha 122
 Leandro, Garcia 403
 Leite, Manuela Ferreira 352, 358, 420
 Lessa, Carlos 56-7
 Letria, José Jorge 136
 Lévy, Bernard-Henri 64, 315
 Lipovetsky, Gilles 426
 Listopad, Jorge 130-2
 Livingston, Bob 280
 Londres, Albert 190
 Lopes, Ana Sá 392
 Lopes, Ernâni 126, 362, 414
 Lopes, Inês Serra 224
 Lopes, Norberto 154
 Loubet, Émile 252
 Louçã, Francisco 370-1
 Lourenço, Eduardo 105-7, 212-3, 366, 431
 Lourenço, Vasco 115, 264
 Lucena, Manuel de 117
 Luca, Erri de 505-6
 Lúcio, Laborinho 398, 400
- MACDONALD, Dwight 141
 Macedo, Fernanda 224
 Machado, Vítor Sá 411
 Machete, Rui 126, 420, 423-5
 Mackenzie, Norman 50
 Magalhães, José 331

- Maher, Bill 440
 Maia, Salgueiro 210, 219-20, 371
 Major, John 99
 Malraux, André 71, 142, 248, 262
 Maltês, José Adelino 251
 Mann, Thomas 79
 Marcuse, Herbert 64
 Marinho, António 303
 Marques, Silva 128
 Márquez, Gabriel Garcia 48
 Martinet, Gilles 60-4, 182
 Martín, Júlio 131
 Martins, Ana Maria Almeida 483
 Martins, Guilherme de Oliveira 505
 Martins, Rogério 95
 Martins, Vítor 189
 Marx, Karl 62, 67, 69, 115
 Matos, Arnaldo de 110
 Matos, Norton de 172
 Matos, Nuno Godinho de 118, 208
 Mauroy, Pierre 63
 Maurras, Charles 253
 Maxwell, Kenneth 100, 419
 Medeiros, Cícero 250
 Medeiros, Maria de 217-20
 Medeiros, Zeca 165
 Megre, Domingos 171
 Megre, José Carlos 111
 Meireles, Cecília 495, 500, 512
 Melo, Barbosa de 125, 128, 410
 Melo, Fernando Lopes de 275-6
 Melo, João de 177
 Melo, Jorge Silva 464, 467
 Mendes, António Marques 353
 Mendes, Aristides de Sousa 307
 Mendes, Luís Marques 351, 379, 420
 Mendes, Manuel 103, 275
 Merkel, Angela 86
 Merleau-Ponty, Maurice 66
 Mesquita, Ana Medina 495
 Mesquita, Rui 240
 Meunier, Emmanuel 67
 Mexia, Pedro 235, 353
 Miguéis, José Rodrigues 103-4
 Milosz, Czeslaw 189
 Miranda, Álvaro 93
 Miranda, Jorge 128, 412
 Miranda, José Bragança de 80, 438
 Miranda, Lúcio 93
 Miranda, Sacuntala de 159-60, 162
 Mitterrand, François 21, 60-1, 63, 74-7, 180, 230, 258-62, 268, 344, 371, 513
 Modiano, Patrick 247
 Mollet, Guy 63
 Mommsen, Hans 83
 Mónica, Maria Filomena 191, 193
 Monjardim, Jayme 237-8
 Monteiro, Carlos Cáceres 283
 Monteiro, Conceição 121
 Monteiro, Henrique 373
 Monteiro, Manuel 352, 378
 Montenegro, Fernanda 238
 Montherland, Henry de 63
 Morais, Fernando 237
 Morais, Manuel Tito de 112-4
 Morais, RuyGuilherme de 159
 Moreira, Adriano 227
 Moreira, Vital 129, 187
 Moretti, Nanni 356, 491, 506
 Morgado, Camila 238
 Morin, Edgar 134, 181, 302
 Morna, Fátima Freitas 165
 Moro, Aldo 214, 495-6, 511
 Mota, Francisco Teixeira da 464
 Moura, Francisco Pereira de 58
 Mourão-Ferreira, David 107-9, 500, 516
 Moura, Souto de 310-2
 Moynihan, Daniel P. 281
 Murdoch, Rupert 158, 372, 488
 Murteira, Mário 58-9
 Mussolini, Benito 72, 142, 254, 497, 508, 514-5
 Myers, Richard B. 445
 NADER, Ralph 325
 Nemésio, Vitorino 27, 109, 164
 Neto, Vítor 507
 Nixon, Richard 47, 228, 281-2
 Nizan, Paul 73
 Nogueira, Fernando 203, 205, 207, 348, 404, 414
 Nogueira, Franco 199, 201
 Nolte, Ernst 138, 467
 Nooteboom, Cees 268
 Nunes, Jacinto 58
 Nunes, José Luís 110, 128, 145, 183-6
 OBAMA, Barack 325
 Ockrent, Christine 308
 Oliveira, Alberto de 94
 Oliveira, Osvaldo da Silva 170
 Ortega y Gasset 21, 106
 Orwell, George 21, 26, 50-2
 Owen, David 331
 Ozouf, Mona 62
 PAGLIA, Vincenzo 286
 Pais, Santos 144
 Palme, Olof 113, 501
 Patten, Chris 350
 Paulouro, António 171, 250
 Pedrosa, Mário 238
 Pereira, Fernando Marques 189
 Pereira, José Pacheco 183-4, 309, 319, 391, 475-6, 483
 Perot, Ross 325, 487
 Pessoa, Fernando 51
 Pétain, Philippe 68, 76, 248, 260-1
 Philip, André 68
 Philipe, Gérard 189-90
 Piçarra, Maria do Carmo 218
 Pimentel, José Menéres 399-401
 Pina, Sara 312
 Pingeot, Mazarine 74
 Pinochet, Augusto 254-6, 506
 Pintasilgo, Maria de Lurdes 387, 413, 415, 421
 Pinto, Carlos Mota 126, 128, 347, 387, 411, 413
 Pinto, Catarina Vaz 289-91
 Pinto, Mário 391, 410
 Pires, Jacinto Lucas 353
 Pires, José Cardoso 149, 219
 Policarpo, José 286-7
 Pomar, Júlio 103
 Ponte, Eduardo da 159
 Portas, Paulo 116-7, 307, 350, 352, 357, 378, 442
 Pouchin, Dominique 133
 Pound, Ezra 52, 83
 Powell, Colin 325, 436, 462-3
 Prestes, Luís Carlos 238
 Prestes, Olga Benário 238
 Preto, Chico 160
 Previti, Cesare 492
 Prodi, Romano 350, 492, 495, 508-9
 Proust, Marcel 51, 89, 247-8
 Putin, Vladimir 241, 245
 QUADROS, Jânio 199-200, 226-8, 241
 Quental, Antero de 93, 125, 160, 474, 483
 RABAÇA, José 108, 169-76
 Rabaça, Maria Manuel 171
 Rangel, Emídio 398
 Raposo, Mário 399-400
 Rather, Dan 216
 Ratzinger, Josef 317
 Reagan, Ronald 83, 282, 290, 486
 Redford, Robert 48

- Redol, Alves 135
 Rêgo, Raul 156, 157
 Rego, Victor Cunha 116-9, 153, 233-4
 Reich-Ranicki, Marcel 81
 Reis, António 209, 231
 Resendes, Mário Bettencourt 32, 352
 Revel, Jean-François 74, 371
 Rezola, Maria Inácia 264
 Ribeiro, Almeida 399-400
 Ribeiro, Aquilino 275
 Rice, Condoleezza 453
 Richards, Earl Jeffrey 39
 Ricœur, Paul 67-71
 Riefensthal, Leni 301
 Rocard, Michel 111, 376
 Rochelle, Drieu La 248
 Rodrigues, Amália 109, 137, 342, 484
 Rodrigues, Eduardo Ferro 378, 416
 Rodrigues, Maria João 380
 Rodrigues, Urbano Tavares 224
 Rogeiro, Nuno 391
 Roosevelt, Eleanor 91
 Roosevelt, Franklin D. 310
 Rorty, Richard 89-91
 Rosas, Fernando 276
 Roudinesco, Elisabete 79
 Ruffin, Jean-Claude 269
 Rumsfeld, Donald 453, 469-70
 Rushdie, Salman 29, 323
- SACHS, Ignacy 56
 Salazar, António de Oliveira 31, 62, 100, 117, 142-4, 159, 161, 167-8, 180-1, 184, 199-200, 226-8, 233, 246, 250, 275, 307, 337, 346, 413, 472
 Salgueiro, João 95, 117
 Salisbury, Robert Marquis of 482
 Sampaio, Jorge 21, 95, 110-2, 225, 234, 339-41, 345, 350-1, 354, 366, 409, 414-5, 420-1, 446-7, 471
 Sampaio, José da Cunha 483
- Sansot, Pierre 37
 Santos, Alberto Seixas 466
 Santos, Amadeu Garcia dos 403-4
 Santos, António de Almeida 424
 Santos, Fernando Piteira 103-4, 180
 Santos, João de Almeida 505
 Santos, José Loureiro dos 305, 402-3, 404
 Santos, Nuno Rodrigues dos 122
 Santos, Teófilo Carvalho dos 230
 Saraiva, António José 172
 Sarmento, Morais 420, 423
 Sarney, José 58, 59
 Sarraute, Nathalie 42
 Sartre, Jean-Paul 64-7, 72-4, 115, 185
 Scalfari, Eugenio 491
 Scheid, Eusébio 314
 Schlesinger, Arthur 91
 Schlöndorff, Volker 84
 Schmidt, Helmut 82
 Schröder, Gerhard 241-3, 246
 Schwartz, Gilson 60
 Seabra, José Augusto 128
 Semprún, Jorge 338
 Serge, Victor 62
 Sérgio, António 93, 103, 184
 Sharon, Ariel 299
 Silva, Agostinho da 93, 103
 Silva, Ângela 371
 Silva, Aníbal Cavaco 21, 98, 101, 118, 153, 174, 203, 207, 292, 318-, 331-3, 335, 339-41, 343-4, 347-9, 354, 361-2, 365-75, 377, 387-9, 390, 393, 399, 404, 414-5, 420-3, 425, 454
 Silva, Helena Vaz da 153
 Silva, João Carlos Alfacinha da 43
 Silva, José Manuel Rodrigues da 217
 Silva, Lula da 56-9, 237, 314
 Silva, Paulo Cunha e 353
 Silva, Vicente Jorge 92, 340, 353
- Silveira, Maria Guilhermina Brum da 191
 Simões, João Gaspar 137, 219
 Soares, João 345
 Soares, Mário 21, 30, 53, 94, 98-105, 110-2, 116-8, 123-6, 128, 145-6, 148, 169, 171-2, 174, 178, 181, 186, 202-4, 208-9, 229-32, 238-9, 266, 275-7, 286-7, 293, 311, 333-5, 339, 345, 347, 358, 362, 365-7, 369-77, 388-9, 393, 405, 413-5, 420-3, 447-8
 Sócrates, José 31, 58, 353-4, 356-62, 367, 373-4, 376, 378, 420-1
 Sontag, Susan 439-40, 442
 Soromenho, Gustavo 145-6, 230
 Sousa, Coelho de 410
 Sousa, Jerónimo de 371
 Sousa, Marcelo Rebelo de 117, 120-9, 312, 348, 366-8, 391, 393-4, 402, 405, 410
 Steel, David 331
 Steiner, George 21, 43-6, 301
 Stock, Maria José 120
 Sydow, Max von 154
 Szilárd, Leó 229
- TABUCCHI, António 493, 505-6
 Tavares, Flávio 236-9, 241
 Tavares, Francisco Sousa 111, 424
 Tavares, Miguel Sousa 353, 394
 Teixeira, António José 304
 Teixeira, Nuno Severiano 483
 Tengarrinha, José 483
 Thorez, Maurice 72
 Todd, Helen 72
 Todd, Olivier 71-4, 371
 Todorov, Tzvetan 183, 455
- Togliatti, Palmiro 508, 510-1
 Torres, Alexandre Pinheiro 250
 Tournier, Michel 86
 Traub, James 479-82
 Trotsky, Leon 62, 89
 Turner, Victor 189, 214
- VALENTE, Vasco Pulido 425
 Vargas, Getúlio 57, 238-41
 Vasconcelos, José Carlos de 359
 Vattimo, Gianni 55, 273, 322-3, 505
 Verhofstadt, Guy 350
 Veyne, Paul 218
 Viegas, Silva 402-3
 Vieira, Luandino 250-1
 Viroli, Maurizio 407
- WAGNER-PACIFICI, Robin Erika 214
 Wagner, Richard 30, 186, 214-5, 298-301
 Walesa, Lech 317
 Wallerstein, Immanuel 265
 Welles, Orson 116
 Whitman, Walt 89
 Wicker, Tom 216
 Wojtyła, Karol 314-5
 Wolf, Christa 80, 268
 Wolfowitz, Paul 470
 Woodward, Bob 47-8
- ZELIZER, Barbie 216
 Zenha, Francisco Salgado 30, 94, 100, 110-1, 124, 128, 142-51, 153, 174, 180, 186, 209, 230-1, 266, 345, 362, 375, 417, 421
 Zola, Émile 252
 Zweig, Stephen 78, 80

Outras obras de Mário Mesquita

Portugal sem Salazar, Lisboa, Assírio e Alvim, 1973.

Deve e Haver (crónicas), Lisboa, Distri, 1984.

A Regra da Instabilidade, Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1987.

O 25 de Abril nos Media Internacionais (com José Rebelo), Porto, Afrontamento, 1994.

O Jornalismo em Análise — A Coluna do Provedor dos Leitores, Coimbra, Minerva, 1998.

O Quarto Equívoco — O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea, Coimbra, Minerva, 2004 (2.^a edição).

A Oposição ao Salazarismo em S. Miguel e em Outras Ilhas Açorianas (1950-1974) — Com uma evocação de Ernesto Melo Antunes nas «Campanhas» dos Açores (org.), Lisboa, Tinta-da-china, Lisboa, 2009.

**O ESTRANHO DEVER
DO CEPTICISMO**

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela
Guide, Artes Gráficas, sobre
papel Coral Book de 80 gramas,
no mês de Fevereiro de 2013.